

UERJ Universidade do Estado do Rio de Janeiro

CTC Centro de Tecnologia e Ciências

ESDI Escola Superior de Desenho Industrial

ESPIANDO PELO UMBIGO

ENCONTROS CRIATIVOS DE GRANDES DESCOBERTAS

Lorena Murray

ESPIANDO PELO UMBIGO

ENCONTROS CRIATIVOS DE GRANDES DESCOBERTAS

PROJETO DE GRADUAÇÃO
Orientação: Noni Geiger
Rio de Janeiro, dezembro de 2014

Lorena Murray

Ao que sempre me deu todo
o amor do mundo, Misael.

AGRADECIMENTOS

Tenho muito a agradecer pelas novas descobertas deste ano. Ao Solar Meninos de Luz, que me proporcionou viver essa experiência única. À diretora pedagógica do Ensino Fundamental, Rose Ramalho que viabilizou meu projeto. À cuidadora da turma, Helenice Lopes, por ter me ajudado com as crianças. Aos meus 25 alunos que jamais esquecerei. À minha orientadora, Noni Geiger, por todo incentivo para que meu projeto se tornasse real.

Gostaria de agradecer também à minha família por todo apoio recebido, mesmo nos momentos mais difíceis. Ao meu querido amor, Guilherme Cruz, motivo da minha força.

Aos amigos de classe Rafaela Siquara, Luiza Wenz, Larissa Pinho e Filipe Nóbrega por terem caminhado junto comigo.

A Deus, que me deu forças esse ano e me fez enfrentar todas as dificuldades.

RESUMO

O referente projeto, apresenta o tema esperança. Tentando despertar em crianças em contexto de vulnerabilidade social, os sonhos e as perspectivas de futuro. Com base na pesquisa etnográfica com as próprias crianças, a soma de atividades lúdicas e criativas e a colaboração de profissionais da instituição e da área da psicologia. Foi possível analisar a transformação e a evolução do pensamento da criança. De como enxergava a realidade até um novo olhar do futuro.

O processo teve como resultado o livro “Espionando pelo umbigo - encontros criativos de grandes descobertas”. Que faz com que o adulto se insira no mundo das crianças e entenda mais o que pensam e o que sentem. O projeto gráfico funciona como material de inspiração para adultos que têm interesse na respectiva área.

PALAVRAS-CHAVE

design, esperança, transformação, sentimento, ser humano, futuro, crianças

ABSTRACT

This project, presents the hope theme. Trying to help children in social vulnerability, working with their dreams and thoughts about the future. Based in Ethnographic Research with children and a sum of creative activities and with the collaboration of psychology professionals. It was possible to analyze the transformation and evolution of the children's thinking.

The study resulted in the book “Espionando pelo umbigo - encontros criativos de grandes descobertas” . This makes it possible an adult know about the children's world and understand more how them feel and think. This project works as a Design Inspiration for people who are interested about the children's world.

KEY WORDS

design, hope, transformation, feeling, human being, future, children

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

TEMA
PROPOSTA
OBJETIVOS E RELEVÂNCIAS

07
07
08

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

REFLEXÕES INICIAIS
ORFANDADE
> Tipos de orfandade
> Do direito das crianças

09
12
12
13

DESIGN PARA TRANSFORMAR
> Sobre pesquisa etnográfica com as crianças

14
15

PESQUISA DE CAMPO

ABRIGOS
> Solar Meninos de Luz

16
17

PROCESSO DO PROJETO

PROFESSORA PELA PRIMEIRA VEZ
> A turma
> O trabalho voluntário

19
20
20

aprofundamento para as aulas

RELAÇÃO ENTRE ENSINO E SENTIMENTO
SOBRE ARTE E SENTIMENTO

21
22

METODOLOGIA DAS AULAS 25

REGISTRO DAS AULAS
COMPORTAMENTO DA TURMA
AS ATIVIDADES

25
27
30

O PROJETO

DEFINIÇÃO
PAPEL E FORMATO
PARTIDO GRÁFICO
GRID
TIPOGRAFIA
CORES
ELEMENTOS DE DESTAQUE

61
61
65
66
67
72
74

> Capa
> Aberturas de capítulo
COMPOSIÇÃO GRÁFICA
O LIVRO
DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

74
75
76
77
87

CONSIDERAÇÕES FINAIS
BIBLIOGRAFIA
ANEXOS

93
94
96

INTRODUÇÃO

TEMA

O tema para o projeto de graduação da Escola Superior de Desenho Industrial, ESDI | UERJ, do ano de 2014, foi “o design do silêncio ou ausência da forma”. O projeto por mim proposto, apresenta em todas as suas etapas o referido tema, que consiste em dar visibilidade e proporcionar esperança às crianças em contexto de vulnerabilidade social.

O tópico por mim escolhido é fruto de uma experiência de vida. Meu objetivo foi devolver, de certa forma, para crianças que passam por questões parecidas com as que eu passei, aquilo que me faltou. Realizar o projeto foi um desafio muito grande, pois ter que mexer em minha própria história e ver de perto quase a mesma realidade em outras crianças, embaralhou meus sentimentos. Tomei o projeto como missão e mergulhei no mundo delas, me tornei voluntária junto ao Solar Meninos de Luz e assumi o papel de professora, podendo assim vivenciar a rotina dessas crianças, entendendo de perto as situações que as rodeiam, suas histórias e as possíveis perspectivas que elas poderiam ter sobre o futuro.

Esse projeto despertou em mim o sentimento de querer tornar visíveis crianças em situações desfavoráveis, mostrar que é possível ao adulto entender melhor o que elas pensam ou sentem, promovendo alegria e amor através de ações

transformadoras.

Então, como resultado, surgiu o livro “Espionando pelo umbigo - encontros criativos de grandes descobertas”, um diário-expositivo onde relato quinze atividades criativas, realizadas pelas crianças, relacionadas ao autoconhecimento, à família, à comunidade em que vivem e às visões que elas têm de mundo.

PROPOSTA

Tratar de crianças em situações sociais desfavoráveis é um assunto muito amplo e há muitos problemas e desafios, que podem ser encarados como elementos incentivadores para gerar projetos motivacionais, de experiência, emocionais e inovadores. Que podem ajudar crianças a serem melhor compreendidas, contribuindo para seu desenvolvimento e proporcionando uma melhor condição de vida.

O assunto é bastante sensível, visto que se trata do futuro da sociedade vivendo em situação instável e prejudicial. Em ano de eleição, nota-se que o referido tema se faz ainda menos importante na vida de muitas pessoas. Por isso, a vontade de encarar a questão de frente e torná-la real para a maioria que as ignora.

Nesse âmbito, a ideia é viver a experiência da criança com a criança, a fim de que se possa explorar o autoconhecimento, os sentimentos e ainda as projeções dela para o futuro, através de um olhar que vai além do que normalmente é abordado nos projetos similares a esse conteúdo. A partir de registros do convívio semanal e de atividades criativas e intuitivas, o referente projeto tende a priorizar a vida e a experiência das próprias crianças em estudo.

OBJETIVOS E RELEVÂNCIA

O contexto que estou abordando é bastante complexo. Por estarem em processo de formação - em desenvolvimento físico e psicológico - as crianças têm diferentes tipos de comportamento, pensamento e sentimento em sala de aula. O design entra no projeto como fator determinante, pois através dele foi possível estar imersa no mundo dos pequenos. Lidar semanalmente com as diferentes personalidades e suas histórias foi um desafio vencido, pois foi possível trocar experiências com os meus alunos, me possibilitando ter uma visão mais completa em relação à cultura, história e vida deles.

A essência do projeto é estudar exatamente as crianças como indivíduos e a relação entre elas e

os adultos. O método utilizado e o processo se fazem extremamente fundamentais, por isso, foi necessário colocar as próprias crianças no ponto central do desenvolvimento do projeto e dedicar essa pesquisa a não só tornar “designificar” algo mas focar na metodologia do processo desenvolvido no projeto. Foi possível, dessa forma, vivenciar o cotidiano da turma, apontar seus problemas, explorar todo o material desenvolvido em sala de aula e proporcionar um possível resultado. O que proponho com o meu estudo é um novo olhar para esse cenário infantil, gerando, não só resultados para a pesquisa em si, mas devolvendo para a própria comunidade; experiência, conhecimento e amor.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

REFLEXÕES INICIAIS

A aproximação preliminar com o tema deu-se inicialmente por questionamentos acerca do que seria a espera. Esse assunto me ocorreu depois de pensar em algumas situações de silêncio que vivemos no nosso cotidiano. Em que as pessoas se sentiam de tal forma quando estavam à espera de algo, alguém ou por alguma coisa acontecer. Destaco, assim, do dicionário Michaelis, a definição do que é esperar:

esperar

es.pe.rar

(lat sperare) vtd 1 Ter **esperança** em, estar à espera de, **contar com**: É insensato esperar gratidão. vtd 2 Aguardar: Esperamos que o apartamento seja pintado; depois, mudaremos. vint 3 Estar na **expectativa**: Mandaram-me esperar. vtd 4 Contar, obter; ter como certo ou muito provável conseguir: Há muito que esperar dele. vti 5 Confiar no auxílio ou proteção: Em Deus espera minha alma. vtd 6 Conjeturar, supor: Não esperava encontrá-lo. vti 7 Estar de espera (emboscada) para acometer. vtd 8 fam Estar na fase final da gravidez. [...]

Abrindo um parêntese importante antes de dar seguimento ao raciocínio em questão, segundo a reflexão filosófica agostiniana sobre o tempo:

Entende-se que o tempo é a duração dos fatos ou fenômenos. A medição do tempo pode ser feita entre o fim de um acontecimento e o começo de outro, ou seja, o intervalo entre dois fatos. O tempo determina os momentos, períodos, épocas, séculos etc.

Nossa percepção do tempo permite dividi-lo em três partes: presente, passado e futuro. Através das nossas experiências sabemos que os três são bem diferentes entre si. O passado é o tempo que se afasta de nós, da nossa consciência e percepção, é tudo que já não é mais palpável. O presente é o “agora”, tempo em que nossas experiências acontecem no momento em que ocorrem e o futuro corresponde ao conjunto de todos os eventos que se concretizam na medida que o tempo passa, é como o lugar onde estão prontos todos os fatos que presenciamos quando determinado período de tempo vier a transcorrer.

O tempo mensurável é o tempo medido, através de relógios e calendários. Já o tempo perceptível, é o que não conseguimos medir, pois não conseguimos percebê-lo. Nossos sentidos fazem com que nossa percepção mude em relação ao tempo,

visto que podemos sentir que determinado acontecimento transcorreu de forma devagar e em outros momentos, o mesmo fato se deu de forma rápida.

A conclusão que se chega acerca desse assunto é que o tempo não pode ser medido, pois o presente não tem nenhum espaço; o futuro porque ainda não veio e o passado porque já não existe mais. Podemos perceber e medi-lo apenas no momento em que está decorrendo.

(livro XI da obra Confissões, ano 398).

Através de alguns estudos, principalmente através da dissertação de mestrado da PUC-RJ “Essa vez que não chega: fila e drama social no Brasil” de Alberto de Oliveira, 2012. Pude perceber que ela está diretamente ligada ao que se entende sobre o tempo. E como a valorização do mesmo está cada vez maior, a maioria das pessoas gosta de esperar cada vez menos. Estão sempre otimizando suas ações. Como por exemplo: se vestem ao mesmo tempo que tomam café. O que parece é que o tempo nunca é, de fato, suficiente. Fala-se muito em “ganhar” ou “perder” tempo. Isso acontece por realizarmos cada vez mais tarefas e assim, a sensação de ter que ter mais tempo para conseguir concluí-las.

Explorando essa temática, percebi que no dia a dia a espera por algum serviço é o que mais ocorre. Seja ela em bancos, supermercados, pontos de ônibus, bares, restaurantes etc. E que a melhor maneira de tornar essa espera mais agradável seria gerenciando as filas recorrentes nesses lugares. Fazer com que a experiência de estar na fila e o tempo perceptível nela fosse mais prazeroso, ao transformar um determinado serviço, tornando-o mais útil e prático.

Entretanto, analisando a espera por outro ângulo, percebe-se que ela está presente em outras situações na vida das pessoas. Olhando de maneira mais sensível, pode-se destacar alguns exemplos como: esperar um bebê, uma cura por um problema de saúde, um órgão a ser transplantado, o tempo para matar a saudade de alguém ou ainda que a dor de uma desilusão amorosa termine. Enfim, poderia listar inúmeras situações neste sentido.

Ao destrinchar o tema e analisar as situações de espera, cheguei à definição mais romântica do que seria a espera: a esperança.

esperança

es.pe.ran.ça

sf (de esperar) 1 Ato de esperar. 2 **Expectativa** na aquisição de um bem que se deseja. 3 Aquilo que se espera, desejando. 4 A segunda das três virtudes teologais, simbolizada por uma âncora ou pela cor verde. 6 Andar ou estar de esperanças: estar no período da gravidez. Dar esperanças: a) **incentivar** as aspirações de **alguém**; b) dar mostras de vir a ser distinto em alguma coisa.

Além da definição do dicionário, pode-se destacar outros conceitos de esperança: fé; esperar que algo que se deseja muito aconteça; expectativa de que algo bom pode acontecer; algo ou alguém que se confia; relacionado com o que é utópico; acreditar que algo é possível, mesmo que tudo indique que não – perseverança; sentimento de reciprocidade e perspectivas.

Aliado a tais definições, minha intenção é contribuir positivamente para a vida de alguém, lidando com os sentimentos, através de alguma ação social e transformadora.

Dessa forma, uma situação me chamou muito a atenção: de pesquisar e projetar em relação à orfandade. Além do assunto possuir todas as definições de espera com que pretendi trabalhar, é um contexto que muito me sensibiliza, por lidar diretamente com crianças, suas histórias, seus sentimentos em relação a si e ao mundo em que vivem.

Com isso decidido, alguns tópicos foram questionados:

- como tornar o tempo perceptível amorável para as pessoas nessa situação?
- o que fazer para que pessoas nestas condições sofram menos?
- como fazê-las aproveitar seu tempo?
- como dar mais alegria para alguém em uma situação crítica?

ORFANDADE

“Uma das maiores filas de espera no Brasil, passa despercebida. Ela não dá voltas em prédios, nem interdita quarteirões, mas seria capaz de ocupar a extensão de 23 Avenidas Paulistas. São 200 mil brasileiros. Nenhum mora em casa. Nenhum mora na rua. Estão espalhados por orfanatos por todo o país. Ninguém os conhece porque não incomodam. Não fazem rebeliões nem suplicam esmolas. São personagens invisíveis de uma história jamais contada.” (Correio Braziliense, 09/01/2012)

> TIPOS DE ORFANDADE

Nesta esfera, é possível destacar alguns motivos para que a criança seja considerada órfã, segundo o Grupo de Apoio à Adoção em São Paulo (GAASP):

por morte de pai e mãe / por doenças

A orfandade que deveria ser mais comum, apenas configura 5,4% dos órfãos e órfãos por terem seus pais vítimas das doenças fatais.

órfãos de pais vivos

São considerados órfãos de pais vivos as crianças que foram deixadas/abandonadas. Homens e mulheres que maltratam os filhos porque também já foram maltratados. Os

maiores motivos para o abandono são: a miséria, o desemprego e doença. O abandono pode ser precoce: os pais que abandonam seus filhos ainda recém-nascidos seja na maternidade ou na rua; pode ser também tardio: quando os pais estão incapacitados de desempenharem seu papel por causa do alcoolismo, drogas etc; ou pode ser por desinteresse: a criança é internada pelos pais e esquecida no abrigo por longos períodos. Alguns ainda visitam os filhos nos abrigos, mas 40% deles nunca mais apareceu na instituição.

Também de acordo com Cintia Andrade do grupo Gead, podemos destacar mais um tipo de orfandade:

orfandade silenciosa

“São filhos desamparados do afeto, privados de cuidados, que perderam o amor daqueles que lhes deveriam ser pai ou mãe. (...) Desejando manterem-se no controle da situação, esses pais tentam compensar sua ausência afetiva com brinquedos. Dão-lhes presentes em vez de presença. Se eles pudessem desabafar, diriam certamente que gostariam de serem compreendidos, amados e desejados.”
Cintia Andrade Moura é mãe adotiva, escritora e integrante do Gead (Grupo de Estudos e Apoio à Adoção do Recife)

> DO DIREITO DAS CRIANÇAS

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), considera criança a pessoa até doze anos de idade, incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

Segundo o ECA,

Art. 4º do ECA

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Art. 5º do ECA

Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

O grande problema nesse universo da adoção é que a maioria das crianças tem de 4 a 18 anos de idade.

Porém, menos de 10% dos adotantes aceitam uma criança maior do que 5 anos de idade. Para agravar o problema, metade das crianças já passaram dos 7 anos quando chegam aos abrigos.

A diferença entre abrigo e orfanato se dá dessa forma: o abrigo é teoricamente um lugar de passagem para a criança, atende pequenos grupos de 12 a 20 crianças e trabalham para educar as crianças no âmbito comunitário, focando no retorno e na reintegração da criança na família. Já no orfanato, as crianças ficam permanentemente, são inúmeras crianças e o trabalho não tem foco a reintegração à família, além de todas as atividades serem feitas dentro do próprio orfanato.

Analisando todos esses aspectos, independente de trabalhar com abrigos ou orfanatos, e deixando um pouco de lado o mundo da adoção, dentre os tipos de orfandade, a que me atentou para focar no projeto foi a orfandade silenciosa. O público escolhido para a imersão da pesquisa foram as próprias crianças, isso porque elas ainda estão em formação do indivíduo, da personalidade e do caráter. Sendo, portanto, um bom momento para inserir na vida delas alguma ação que possa transformar suas emoções e os traumas que sofreram, fazendo com que, através do meu projeto, os problemas existentes em suas vidas fossem amenizados.

DESIGN PARA TRANSFORMAR

O termo “user centered design” se deu pela prática de colocar o usuário final no centro dos sistemas produtivos, a fim de poder entender melhor suas necessidades e desejos. Sanders e Stappers (2008, p.6) destacam que:

Nas últimas seis décadas, os designers vêm se movendo cada vez para mais perto dos futuros usuários de suas criações. Especialmente em áreas onde as tecnologias estão maduras, e as novas funcionalidade já não representam valor, as empresas de fabricação têm sido cada vez mais abertas a abordagens que definem o produto com base no que as pessoas precisam (Sanders e Stappers, 2008, p.1).

Dessa forma, com o contexto do tema e dos tópicos resolvidos para o desenvolvimento do projeto, vi que deveria trabalhar o assunto, mesmo que complexo e sensível, diretamente com “usuários” do meu processo: as crianças.

Pode-se destacar que Frescara, em seu texto People-centered design Complexities and Uncertainties (2002), assegura a necessidade de entender as pessoas para as quais se projeta, ao colocá-los no centro dos processos produtivos e enxergá-los como pessoas, mais do que como usuários.

Krippendorff (1989) também defendia a idéia de que pessoas não são somente “usuários racionais” e de que os frutos do design não são apenas “coisas”, mas “práticas sociais, símbolos e preferências”.

Frescara (2002) apontava também para uma prática de design interdisciplinar. E Burns et al. (2006, p18) aborda a falta de foco nas pessoas como a causa da falta de soluções que resolvam problemas complexos.

Não sabia ainda de que forma iria trabalhar diretamente com as crianças, mas que certamente elas seriam o centro do meu projeto.

Analisando um pouco mais sobre o contexto do design para transformação, pode-se destacar que Burnes et al. (2006) sugere que a nova abordagem transformacional tem o poder de resolver “muitos dos problemas mais complexos da sociedade” (Burnes et al. 2006, p.6).

A partir dessa reflexão foi possível compreender que o meu projeto era completamente factível. Pois o meu objetivo não era apenas produzir uma objeto para um usuário e sim promover a transformação, através do design, na vida de crianças que realmente precisavam.

Para isso, destaco a seguir três características (de acordo com o manifesto de Burnes et al. 2006, p.8) do design para transformação que foram essenciais em meu projeto:

- Colaboração entre disciplinas - diz respeito à importância de processos de criação interdisciplinares e do papel do designer nestes processos, ao mediar pontos de vistas diferentes e facilitar a colaboração;
- Avanço para além das soluções tradicionais - diz respeito à capacidade do design transformacional de aplicar as habilidades do design em territórios não tradicionais e, assim, gerar resultados também não tradicionais;
- Criação de mudanças fundamentais - diz respeito ao fato de que projetos de design transformacionais “sonham alto” e querem transformar sistemas nacionais ou culturas organizacionais.

Trabalhei junto com a coordenadora da escola, a cuidadora da turma, e tive conversas com os psicólogos também dos alunos. Nunca vi meu projeto como uma utopia. Apenas foquei em dar atenção, ser importante para as crianças e fazer com que elas se sentissem importantes para mim.

> SOBRE PESQUISA ETNOGRÁFICA COM CRIANÇAS

Para entender mais como deveria ser esse contato direto com as crianças, foi possível conhecer o que seria a pesquisa etnográfica. Nesta ocasião o pesquisador é também um observador do cotidiano do grupo do centro da pesquisa.

De acordo com Fonseca (1998), o etnógrafo precisa mergulhar em situações estranhas para entender o seu universo simbólico.

Para podermos conhecer certas áreas e mundos distintos é necessário um contato e uma vivência de longo período, como afirma Velho (1978), pois existem aspectos da cultura e da sociedade que não são explícitos.

Para Cohn, a observação participante consiste em uma “interação direta e contínua de quem pesquisa com quem é pesquisado” (2005, p.45)

Então visto todos esses aspectos, o que fiz foi procurar estar imersa no mundo das crianças que iria trabalhar, viver com elas a experiência da transformação, fazendo parte da vida delas.

PESQUISA DE CONTEÚDO

ABRIGOS

Para começar a desenvolver o processo do projeto, foi necessário começar a listar e visitar abrigos do Rio de Janeiro. Algo preocupante constatado por mim nessas instituições é que a maioria não permite visita, ou informam que o abrigo está fechado para isso.

Um onde não foi possível marcar visita, por exemplo, foi o **Educandário Romão de Mattos Duarte**.

Outro de que não obtive resposta foi o **Centro de Acolhimento Ayrton Senna**, além do **Lar de Júlia Orfanato de Meninos**.

O primeiro abrigo que consegui conhecer, de fato, foi a **Sociedade Viva Cazuzu**, localizada no bairro de Laranjeiras, Zona Sul do Rio. Na instituição vivem aproximadamente vinte e cinco crianças, de 0 a 18 anos. A visita foi guiada e com um grupo, em um horário que não era possível ter contato com nenhuma criança. Atentei para o fato de que a visita era muito mais voltada para a vida e o acervo do poeta e compositor Cazuzu, o que me deixou um pouco decepcionada.

A seguir, visitei uma das casas da **Associação Beneficente Amar**, localizada no bairro da Tijuca, Zona Norte do Rio. A casa que conheci abrigava aproximadamente doze meninos, o ambiente era bem simples e eles gostaram bastante da iniciativa

do projeto. Porém, o fator determinante que me fez desistir do local foi a de que só seria possível trabalhar com meninos. Não havendo, assim, diversidade nos resultados que buscava.

A última instituição que conheci nessa minha jornada do mês de julho, foi o **Solar Meninos de Luz**, localizado na comunidade do Pavão-Pavãozinho, na Zona Sul do Rio de Janeiro. Através de uma visita guiada, demonstrei o meu interesse em ser voluntária e contei sobre a minha intenção de projeto para trabalhar com os alunos. Incrivelmente as portas dessa fundação se abriram para que eu pudesse começar, finalmente, o processo do projeto.

Paralelo a isso, algumas decisões projetuais foram acertadas: a faixa etária dos alunos que deveria trabalhar foi dos 6 aos 7 anos, pois nessa idade a criança ainda está em desenvolvimento psicológico e de aprendizado. Além disso, nessa idade as crianças conseguem mostrar mais suas emoções e sentimentos. Dessa forma, seria mais fácil trabalhar e alcançar os objetivos e ainda conseguir mais riqueza ao conteúdo do projeto. Outro ponto em crianças dessa idade, é que elas são curiosas e poderia assim, inseri-las no contexto artístico, ajudando-as a evoluir em seus desenhos e promovendo o conhecimento de novos métodos e materiais.

Com isso em mente, decidi, junto à coordenadora da instituição, que minhas aulas poderiam ser destinadas aos alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental, que estão em processo de alfabetização. Demorou um mês, aproximadamente, para que pudesse me tornar, de fato, professora voluntária de Artes da turma. No dia 14 de agosto, foi possível tornar parte do meu objetivo real, - dei minha primeira aula!

> O SOLAR MENINOS DE LUZ

O Solar Meninos de Luz é uma instituição civil, filantrópica, em funcionamento desde agosto de 1991. Promove educação formal e complementar em regime integral, cultura, esportes e cuidados básicos de saúde e assistência às famílias nas comunidades do Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, em Copacabana, na Zona Sul do Rio de Janeiro.

Foi fundado e é mantido pelo Lar Paulo de Tarso – Instituição Espírita de Estudos e Assistência Social, com sede em Copacabana, no Rio de Janeiro, que realizava, desde dezembro de 1983, extensa obra social no local, junto às famílias.

Missão do Solar

Transformar vidas de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social das comunidades do Pavão-Pavãozinho e Cantagalo através de ações preventivas, proporcionando-lhes educação universalista e valores humanitários em horário integral, promotoras do homem de bem. Envolver neste movimento suas famílias e, por extensão, a comunidade, em busca do viver em harmonia e paz.

O Solar possui muitas instituições parceiras para manter a escola, como por exemplo, a Universidade Estácio de Sá, o grupo Monobloco, a Firjan, dentre outros. A escola também conta com ajudas de voluntários e “padrinhos do coração” - pessoas que se comprometem a doar todo o mês uma quantia para ajudar nos custos da instituição.



PROCESSO DO PROJETO

PROFESSORA PELA PRIMEIRA VEZ

Para me ajudar a assumir uma postura como professora e dar aulas para vinte e cinco crianças, segui alguns tópicos presentes no livro “A escola pública aposta no pensamento” de Walter Kohan e Beatriz Olarieta:

II – Alguns gestos para a prática filosófica com crianças

1 – Procure fazer com que seus estudantes se escutem e conversem entre eles. Não é necessário providenciar ou comentar todas as respostas. Considere se está intervindo para facilitar o diálogo com perguntas de aprofundamento; destacando **coincidências ou diferenças entre as perspectivas de cada um**; fazendo um breve resumo dos tópicos em discussão e das posturas oferecidas; pedindo esclarecimento quando as falas dos estudantes são um pouco confusas; motivando os estudantes a também realizarem esta tarefa.

2 – Tente **evitar julgamentos moralizantes**. Quando quiser dizer algo, coloque-o como **pergunta aberta e curta**. Procure não falar muito e identificar os pressupostos das falas das crianças para que sejam discutidos, em vez de se colocar enfaticamente sobre o tema.

3 – Pergunte “por que?”. Insista com eles quando as respostas não forem muito fortes. **Insista com os porques**. Dessa maneira ajudará as crianças a oferecer razões mais sólidas e a perceber a **importância de questionar suas informações**.

4 – Faça perguntas que permitam explorar o que se segue das posturas das crianças. Não bombardeie as crianças com muitas perguntas apenas para interrogá-las, mas **explore a fundo cada pergunta**. Seja o mais precisa possível e confirme com as crianças que suas respostas são entendidas.

5 - Não se incomode com o silêncio. O importante é participar, nem sempre falar. Cuide que seus estudantes estejam atentos, qualquer que seja a maneira deles de atender. Pergunte-se se eles estão atentos e procure **compreender as diversas formas de atenção**.

[...]

7 - Não pretenda chegar à resposta correta, mas também evite dizer às crianças que as coisas não têm uma resposta correta. Às vezes é mais fecundo não saber do que saber.

O texto anterior foi completamente esclarecedor e fundamental para me ajudar a enfrentar esse desafio. O comportamento que assumi diante dos alunos não foi de educadora, nem de pedagoga. Em momento nenhum avaliei ou julguei algum resultado de exercícios dados por mim em sala.

O que valorizei foi a conexão humana que estabeleci com as crianças e o desejo de conhecê-los. Para isso, acima de tudo, assumi o papel de amiga deles, os apoiando, escutando e mostrando para eles mesmos como são importantes.

> A TURMA

A turma do primeiro ano do Ensino Fundamental é composta por 25 alunos, sendo 14 meninos e 11 meninas, com idades entre 6 a 8 anos. Todas moram na comunidade do Pavão-Pavãozinho e Cantagalo.

Como já havia dito, todas as crianças se encontram em situação de vulnerabilidade social. Muitas apresentam desestrutura familiar que se reflete em sala de aula. As crianças que mais precisam recebem apoio psicológico fornecido pelo Solar.

Para lidar com as crianças, contei com o apoio da Diretora Pedagógica do Ensino Fundamental, Rose

Ramalho, que confiou em mim, viabilizando meu projeto. Além dela, a cuidadora da turma, Helenice Lopes, me ajudou a controlar todas as crianças da turma, em todas as aulas.

> O TRABALHO VOLUNTÁRIO

Estabeleci que o meu trabalho como professora voluntária de artes seria de três horas semanais. Sendo toda terça-feira, de 11h às 12h, e toda sexta-feira, de 10h às 12h.

Meu compromisso com o Solar e com as crianças durou cerca de quatro meses até aqui, mas ainda não terminou. Até o momento, foram dadas, aproximadamente, 30 aulas.

APROFUNDAMENTO PARA AS AULAS

> RELAÇÃO ENTRE ENSINO E SENTIMENTO

A minha intenção nas aulas era trabalhar não só a relação dos alunos com arte, mas também a relação da arte com os sentimentos e emoções. Para isso, faço antes uma reflexão breve do que são os sentimentos e emoções, segundo a dissertação de mestrado em Educação da PUC-RS “Afetividade e expressão artística na escola: como os arte-educadores encaram o papel da arte”, de Márcia de Lima Carneiro Neves, 2009:

As emoções são aquelas expressões acompanhadas de reações intensas e breves do organismo como o choro, a gargalhada, a paixão. Já os sentimentos são mais duradouros que as emoções e não são acompanhados de reações orgânicas intensas. A amizade e a ternura já são acompanhadas de reações orgânicas intensas.

A amizade e a ternura são exemplos de sentimentos. Essas manifestações fazem parte de nossa vida psíquica e nos acompanham em todas as situações. Na escola não é diferente e a aprendizagem depende em grande parte dessas relações afetivas, estabelecidas entre professores e alunos. [...]

No ambiente escolar as emoções e sentimentos mais latentes se verificam nas relações de afeto, que se estabelecem entre alunos e professores.

Vygotsky considera a emoção um impulso gerador de uma ação, ou um inibidor dela. Entende que as emoções organizam o comportamento. Segundo ele, o professor terá êxito se atingir o sentimento do aluno. Assim haverá estímulo para que abandone a inércia e se mova em busca do conhecimento. O início do trabalho educativo está na emoção, no interesse (ARANTES, 2003).

Em relação ao ambiente escolar, o que se pode perceber, hoje em dia, é que para a maioria das escolas, o que importa são as notas altas ou baixas e não o caráter do aluno e suas histórias, o que é fundamental para a formação integral.

Quis fazer diferente, mesmo sabendo que isso poderia ser uma tarefa bem árdua. Porém, ao contrário disso, foi possível fazer com que eles se aproximassem de mim e me considerassem alguém com quem podiam contar. Me falando sobre suas vidas, suas histórias e perspectivas sobre o que esperam da vida. Como disse a relação que

estabeleci com meus alunos foi de carinho, de amizade e de afeto. Ainda refletindo um pouco sobre isso, segundo Moreno et al. (1999, p. 15):

[...] É fundamental trazer para a educação à afetividade, freqüentemente rejeitada no cotidiano escolar e excluída do conjunto das atividades de compreensão e construção do conhecimento.

Já Monte-Serrat (2007, p. 41) afirma:

[...] não se pode falar de educação sem se levar em conta o fator afetivo, uma vez que recebemos o conhecimento por meio das relações com terceiros. Na educação formal, parece que falta uma direção a ser seguida.

Ainda de acordo com Márcia de Lima:

O embrutecimento humano a que assistimos hoje exige que se traga para o cenário da educação o tema da afetividade, que não tem vez na escola, uma vez que prioriza a racionalidade científica.

Sentimentos, valores e emoções, enquanto aspectos presentes na vida de todo homem, podem trazer um sentido renovado para a

escola. É preciso trabalhar o aluno sob todas as suas dimensões, contemplando aspectos como afetividade, percepções, expressão, sentidos, crítica, criatividade...

> SOBRE ARTE E SENTIMENTOS

O grande filósofo Platão dizia que a arte devia ser a base da educação, pois os meios estéticos são a maneira pela qual a criança organiza sua experiência. A educação devia estar prioritariamente voltada para o desenvolvimento dos sentimentos. Insistia na necessidade de educar os sentidos, sobre os quais se baseiam a consciência e a inteligência humana.

Em 1943, o filósofo inglês Hebert Read expõe a necessidade de reformas educacionais com o título: “A Educação através da Arte”. Read ressalta a importância da livre expressão, da espontaneidade e da inspiração, meios de que se vale a criança para se expressar (READ, 2001).

O mesmo afirmava que a arte da criança tem qualidades próprias. De acordo com ele, o adulto deve incentivar a criança e não pode julgar sua arte, pois está relacionada com o seu nível de desenvolvimento mental, através de imagens visuais e plásticas.

E foi exatamente isso que procurei assumir em minhas aulas, deixar os alunos livres para que pudessem se expressar da melhor forma possível e não julgar as conversas, as perguntas e nem as artes elaboradas pelos alunos. O que fiz foi tentar, de certa forma, entender o que elas pensam em relação ao seu próprio mundo.

Read (1986, p. 15) resume o pensamento de Platão, na reflexão a seguir:

[...] Creio que a arte deve ser praticada para ser apreciada, e ensinada em aprendizado íntimo. Creio que o mestre não deve ser menos ativo que o aluno. Pois a arte não pode ser aprendida por preceito, por instrução verbal qualquer. Ela é, falando com propriedade, um contágio, e se transmite como o fogo de espírito para espírito.

É preciso se expressar através da arte. Pois além de explorar a imaginação, é possível também demonstrar as emoções. A arte está ligada à maneira de enxergar o mundo.

Segundo Sacks (apud COSTA, 2004, p. 10):

[...] a aptidão para a arte e para a expressão artística não está nos nossos sentidos – que

podem ser melhores em uns do que em outros –, mas na nossa maneira de ver o mundo e na nossa capacidade de expressá-la.

Costa (2004, p. 13) destaca que:

Além da predisposição ao conhecimento, a arte na educação permite o tratamento das emoções. Nós nascemos instintivamente emotivos, isto é, reagimos emocionalmente ao mundo que nos cerca, mas nossas emoções surgem de forma bruta, como minérios recém-extraídos na natureza. Elas precisam ser conhecidas, lapidadas e cultivadas. A expressão artística oferece oportunidade para isso, desenvolvendo, além da inteligência, a personalidade, o temperamento e o caráter.

A arte na escola dá a oportunidade à criança de internalizar e externalizar conhecimentos sobre o seu mundo e representá-lo. E foi esse o meu objetivo com as crianças: fazer com que elas através de seus desenhos pudessem representar o que entendiam sobre si, e sobre o mundo que as cerca.

Com isso, Read (2001, p. 146) afirma que: II

[...] a criança desenha o que quer dizer, o que pensa, o que sabe – não o que vê. II

A criança pode elaborar conceitos e expressar sua compreensão dos papéis sociais mediante a arte.

A arte é um meio que facilita à criança se comunicar, incluindo as verdades, que às vezes, quando ditas, nem sempre se fazem compreensíveis. É muito mais fácil comunicar sentimento através da arte. A criança pode assim expor não só os sentimentos como suas ideias, emoções e comportamentos.

Para Gullar (2003, p. 78): II

O homem só inventou a pintura porque existe uma parte da experiência humana que não se traduz em palavras.II

E para Buoro (2003, p. 33):

Ao expressar-se por meio da Arte, o aluno manifesta seus desejos, expressa seus sentimentos, expõe enfim sua personalidade. Livre de julgamentos, seu subconsciente encontra espaço para se conhecer, relacionar, crescer dentro de um contexto que antecede e norteia sua conduta.

O afeto deveria ser o alicerce da educação. Quando o mesmo não existe, não se pode experienciar as expressões em cores, palavras, danças, histórias e criações imaginárias que constituem parte da construção do indivíduo.

Quando o aluno vai à escola não quer apenas aprender, mas também quer vivenciar o aprendizado. A criança deseja e precisa ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa atentar para o aprendizado e para a curiosidade.

METODOLOGIA DAS AULAS

Sempre começava minhas aulas com um questionamento meu, e fazia com que os alunos participassem, argumentando e conversando sobre o referido tópico. A seguir, pedia para que me respondessem através de expressões artísticas, a maioria delas, na verdade, todas, a partir de desenhos.

O material que os alunos utilizaram para realizar os exercícios, foram: lápis de cor, canetinhas, giz de cera, recortes de diferentes tipos de papel, revistas e diversos materiais. Além de barbante, tintas e massa de modelar.

Todas as minhas aulas foram sentimentais, emocionais e criativas. Os exercícios que propus podem ser vistos a partir da pág 25. Meu objetivo consistia em explorar as expressões da visão de mundo das crianças, sua comunidade, família, e de si mesmo, através dessas atividades.

Como disse, procurava não julgar os resultados obtidos, e a todo momento incentivar para que eles evoluíssem não só o que pensavam como também em sua arte, fazendo com que a arte fosse um meio de incentivar a expressão dos sentimentos.

> REGISTRO DAS AULAS

Todas as minhas aulas foram filmadas, com o consentimento dos pais dos alunos e outros professores. As filmagens foram todas amadoras, com uma câmera de 16 megapixels em um mini-tripé, em uma estante, no canto da sala de aula.

Outro registro que fiz dos alunos foram fichas de cada um, onde eu registrei o comportamento do aluno em cada aula e o que eles fizeram em cada atividade realizada.





> COMPORTAMENTO DA TURMA

A turma apresenta um atraso bem grande na alfabetização, principalmente na escrita. Era muito difícil fazer com que eles desenvolvessem um raciocínio e explorassem seus sentimentos e pensamentos. Foi preciso, a todo momento, dar uma direção aos alunos, para que pudessem dar início a atividade em questão.

Os alunos sempre mostraram muita resistência ao exercitar a escrita. Também ficavam muito dispersos quando trabalhavam com materiais diferentes, como por exemplo, colagem com recortes de diferentes papéis, massa de modelar e principalmente com tintas.

O comportamento dos alunos em relação a minhas aulas sempre foi bem positivo. Todos sempre me recebiam com muito carinho e muito amor.

No começo senti uma resistência grande por parte de alguns alunos que não queriam participar das aulas. Um dos alunos, o Cristian, chegou a ser suspenso por fazer muita bagunça em sala.

Tive de conquistar a amizade de outras crianças para que pudessem se comportar e participar. Uma aluna,

a Francisca, sempre muito levada, não fazia questão de caprichar no desenho e fazia muita algazarra em todas as aulas. Com o tempo, fui me tornando amiga dela, e ela melhorou muito. Não só o comportamento em sala, como também em suas experiências artísticas.

Havia outros três alunos que também tinham muitos problemas comportamentais em sala: Marlon, João, Eduardo Ferreira e, como já disse, Cristian. Todos os quatro apresentam problemas de concentração e atenção, precisando ainda mais de cuidados.

Com o tempo, consegui me impor como professora, e todos passaram a me respeitar mais e terem uma relação de afeto e carinho comigo.

Percebi que muitas crianças evoluíram não só em seus traços, técnicas artísticas, como também passaram a explorar o hábito de pensar e refletir sobre o assunto em questão.

Os alunos passaram a me contar histórias das suas vidas, segredos. A cuidadora da turma me informou que eles só contam seus assuntos pessoais na minha aula e fiquei muito feliz por isso, pois vi que foi possível alcançar meu objetivo.





AS ATIVIDADES

Como já foi dito, minhas aulas consistiram em atividades criativas que envolviam os sentimentos e as emoções das crianças. Além de exercícios aleatórios e livres para as crianças praticarem técnicas artísticas.

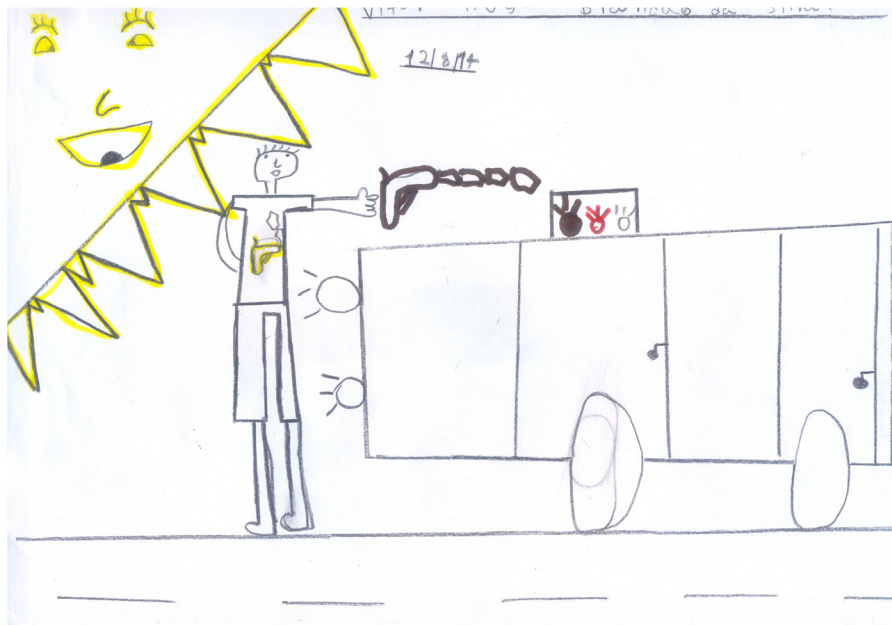
Destaquei quinze atividades que envolvem a visão que cada criança tem de mundo, suas histórias, sua comunidade e sua família. A seguir listo e explico que atividades foram essas:

1 - COMO VOCÊ SE VÊ?

Nessa atividade foi possível a criança mostrar traços de suas personalidades, ela retratou não só suas expressões físicas, mas também psicológicas.

Cada criança se olhou em um espelho e depois recebeu uma folha de papel em que havia apenas um contorno do rosto pronto. Este devia ser preenchido com o seu próprio desenho de si.



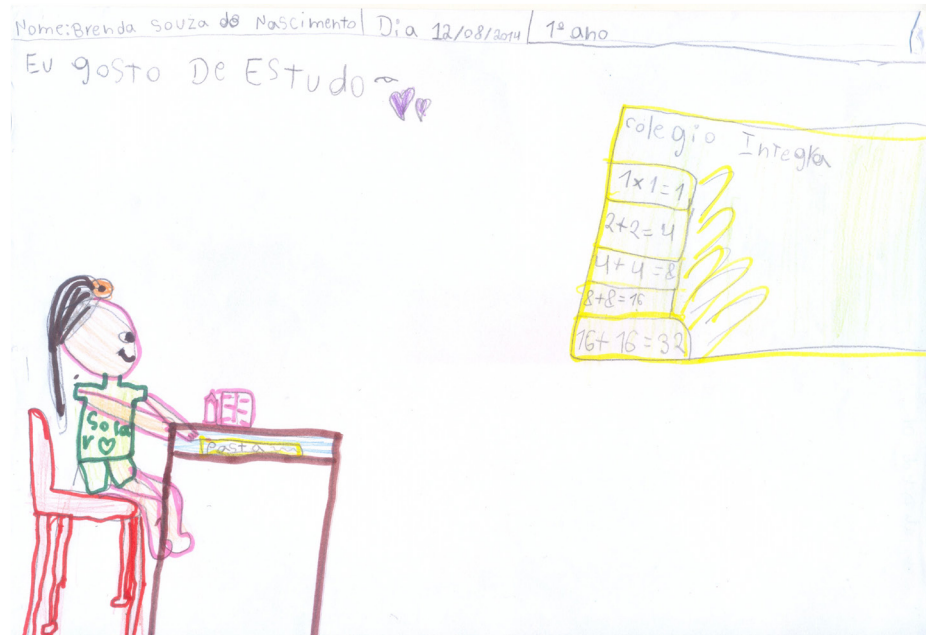


2 - O QUE VOCÊ GOSTA DE FAZER?

Esta foi minha primeira aula, que foi bastante tumultuada, por ser algo novo para os alunos. Muitos alunos tentaram chamar minha atenção para mostrar algo que haviam desenhado. Marlon não conseguiu desenhar, saiu de sala e ficou embaixo da mesa.

Fiquei chocada com alguns desenhos e como os alunos representaram a violência do cotidiano deles. Perguntei aos alunos autores o que representavam os desenhos e muitos ficaram com vergonha de me dizer. Em uma tentativa de dialogarem com a turma, mostrei os desenhos para todos e os autores ficaram bem constrangidos, a partir de então, deixei essa técnica de lado.

Materiais usados: lápis de cor, canetinhas e giz de cera.



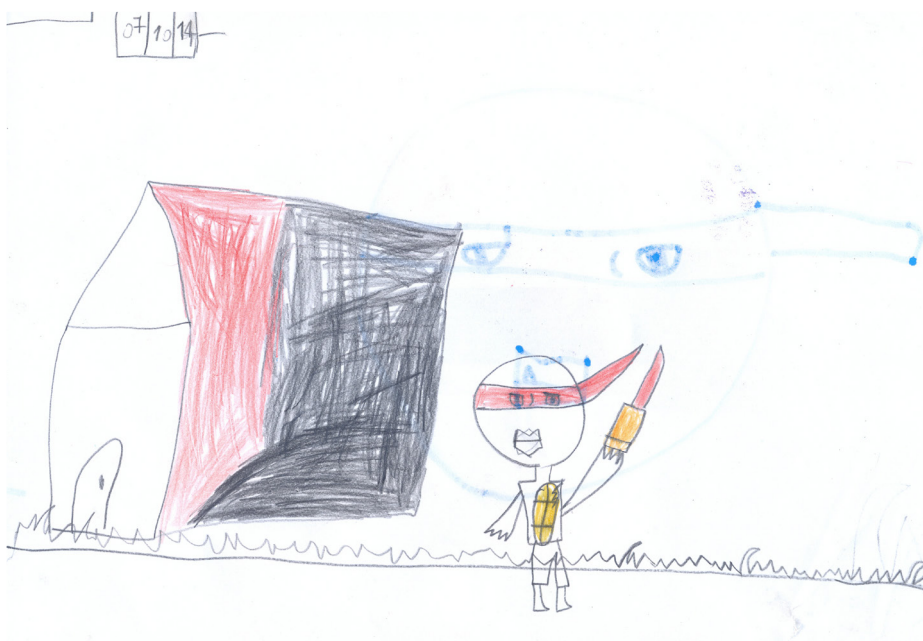


3 - POR QUE É BOM SER CRIANÇA?

Essa proposta foi feita próximo ao dia das crianças, tentei usar a escrita, mas os alunos foram bem resistentes a isso. Pedi então que me informassem oralmente e desenhassem.

A maioria desenhou-se livre, brincando ou até dançando. Dois desenhos me chamaram atenção: o do Pablo que disse que gostaria de ser criança para ter um lar e o do Bernardo que disse que era bom ser criança para receber carinho.

Materiais usados: lápis de cor, canetinhas e giz de cera.





4 - ONDE VOCÊ MORA?

Esse exercício tem o objetivo de saber se o aluno conseguiria compartilhar comigo e com os colegas da turma aonde ele morava. Foi feito um mapeamento em sala da comunidade e cada um foi falando em que localidade da região residia.

Todos compartilharam, inclusive eu aonde morava e mostrei para eles que era longe da escola. Além disso, listamos o que havia perto de cada um:

bares, padarias, mercado, biroskas, farmácias, vala, beco e plano inclinado.

Materiais usados: lápis de cor, canetinhas e giz de cera.





5 - AONDE VOCÊ QUER MORAR

Essa atividade foi pensada a fim de que o aluno pudesse explorar sua imaginação e retratassem aonde gostariam de morar. O que me chamou a atenção foi que nesse dia, recebi muitas declarações de carinho e afeto. O que me fez perceber que estava conquistando meus objetivos, pois as crianças estavam mais dispostas a falar de suas histórias e de suas perspectivas.

Percebi que algumas citaram lugares específicos que gostariam de morar. Já outra parte dos alunos, mostraram que gostariam de morar em casas grandes. Esse exercício me deixou bem feliz porque já pude perceber uma certa evolução em seus desenhos.

Materiais usados: lápis de cor, canetinhas e giz de cera.





6 - A CASA FEITA DE SONHOS

Com o objetivo de explorar ainda mais essa temática de aonde eles gostariam de morar, resolvi fazer essa atividade com eles, mas de uma forma diferente.

Li para eles o livro: Ricardo Alberty, "A casa feita de sonho", Editora Melhoramentos de Portugal, 1991. A fim de que eles pudessem abrir um pouco a mente, aguçar a imaginação e a curiosidade.

Eles ficaram bem envolvidos com a história contada e bem interessados na atividade. Nesse dia aprenderam o que era sucata, e fizemos nosso primeiro trabalho com colagem.

Também nesse dia, recebi muitas declarações e surpresas dos alunos.







7 - RETRATO DA FAMÍLIA

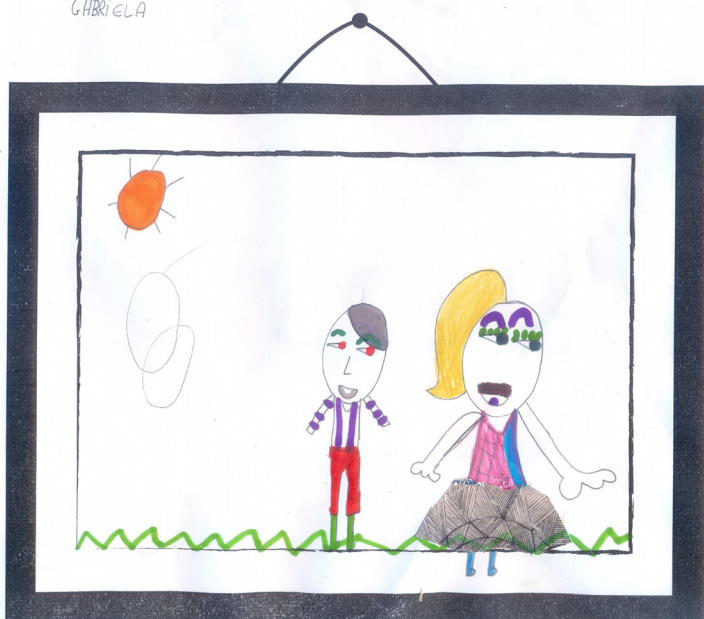
Anteriormente a esta proposta, tentei trabalhar a família com os alunos de outra forma: montando a árvore genealógica de cada um. Porém eles detestaram a atividade e alguns até se recusaram a fazer. Resolvi, então, abordar a família de outra forma: entreguei para cada aluno quadros para que desenhassem sua própria família.

Com a intenção de deixar o exercício um pouco mais atraente para os alunos, sugeri que recortassem de revistas / jornais, características semelhantes ao modelo do jornal e ao parente que o aluno estava retratando.

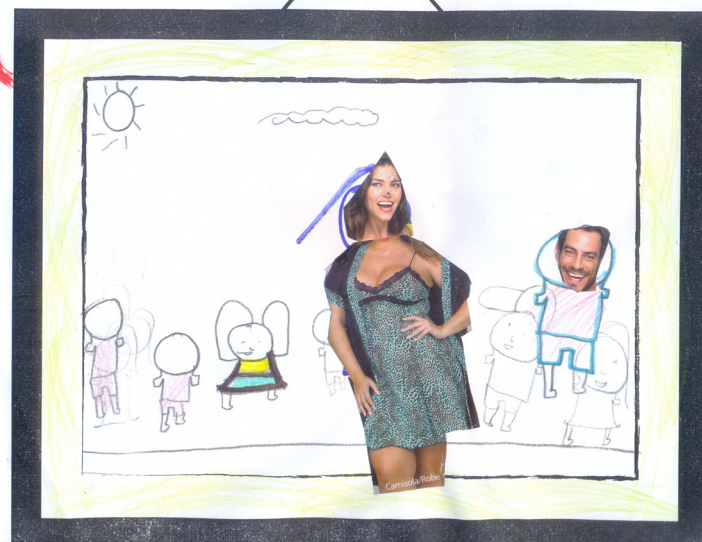
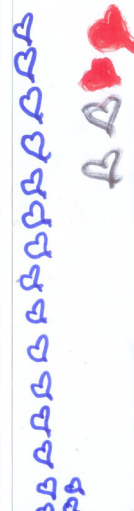


Alguns alunos se interessaram pela proposta, outros nem tanto e apenas desenharam com canetinha e lápis de cor. Sempre deixei os alunos bem livres para fazerem o que queriam e não fiz da minha proposta uma restrição. Os resultados ficaram bem interessantes.

GABRIELA



Marig edu arag



Maria Beatriz



tia Lolo te Anho

Carolina B





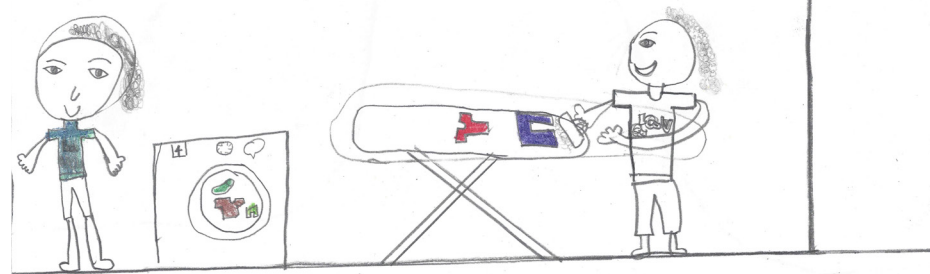
8 - QUAL A PROFISSÃO DOS SEUS PAIS

Não estava contando que esse exercício iria funcionar. Pois fiquei com muito medo de fazer perguntas mais íntimas como essa para meus alunos.

Mas essa atividade me surpreendeu bastante, pois todos os alunos sabiam e desenharam minuciosamente a profissão dos seus respectivos pais. O material utilizado nessa atividade foi lápis de cor e canetinhas.

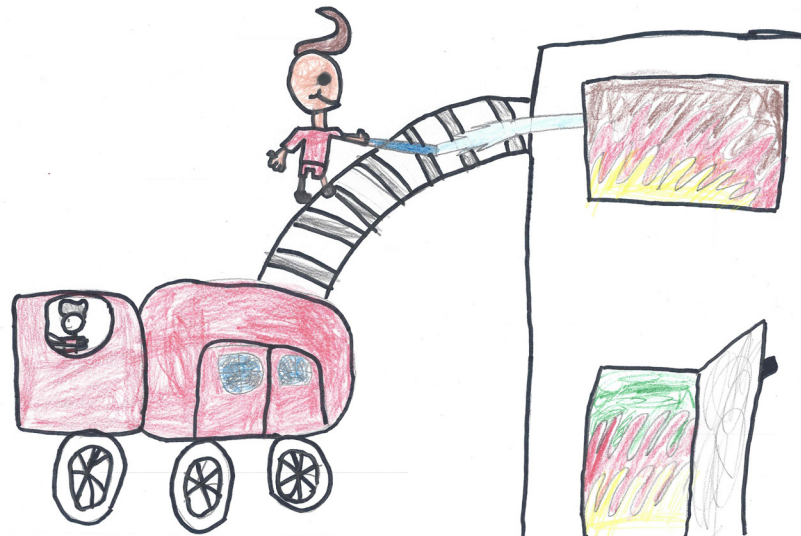


Lava ME Tror.



Wah

bombelro



Alan Siniu



9 - O QUE VOCÊ QUER SER QUANDO CRESCER?

Aproveitei a atividade anterior para desenvolver essa. Para minha surpresa tive um pouco mais de dificuldade do que a última. Li para eles o livro *Quando eu crescer*, de Wendy McLean e Robert Toon. Elas ficaram encantadas e muito agitadas com as ilustrações em 3D do livro.

Percebi que muitos alunos não tinham um direcionamento sobre esse assunto e grande parte copiou do colega seu objetivo de vida profissional.

Para essa atividade, usamos apenas lápis de cor e giz de cera.

Carolina

Médica



Vítor Hugo

artista



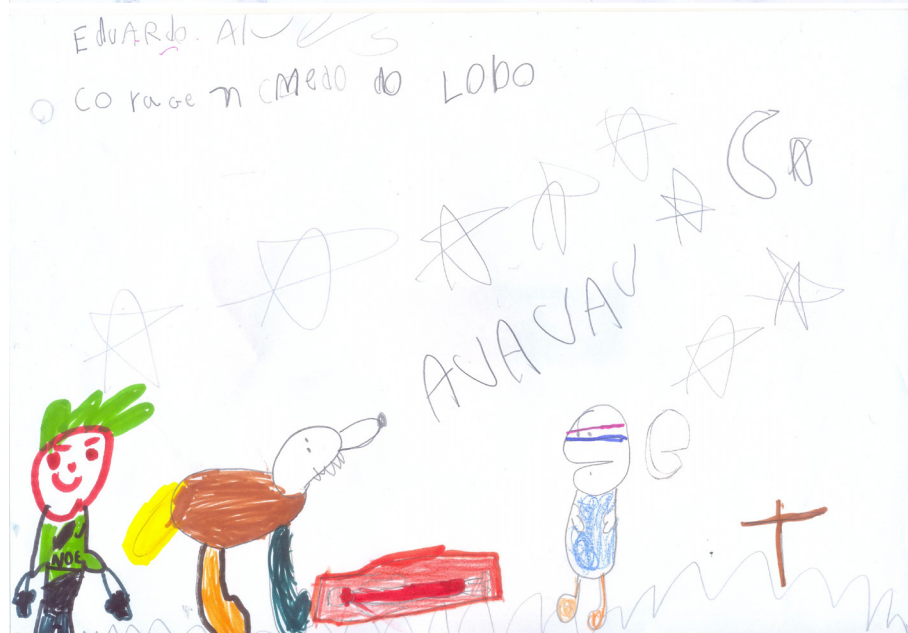
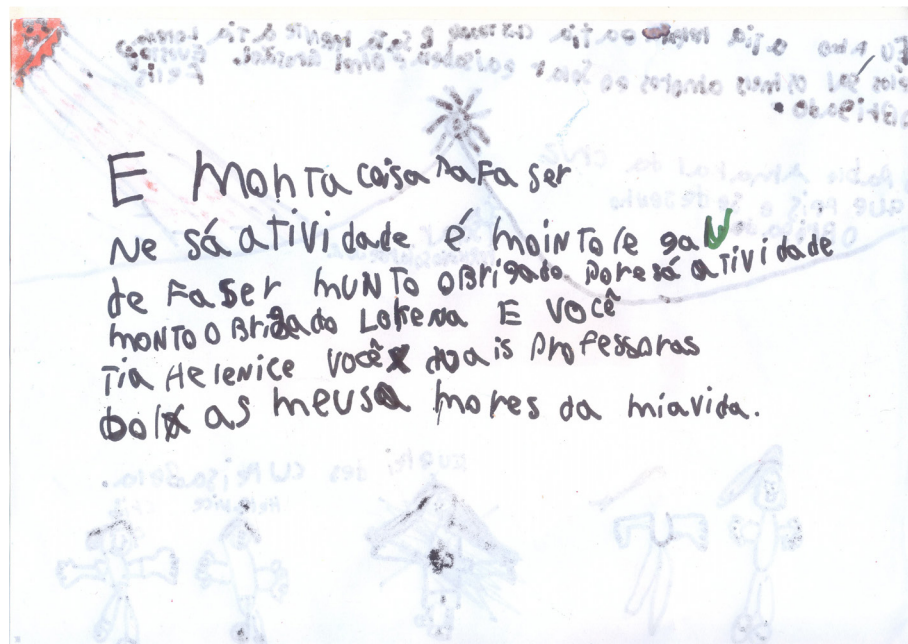
Pulise do é se zito
Lviz
Miguel



Professora

Professora: Annalys
Bom dia!





10 - SALADA DE SENTIMENTOS

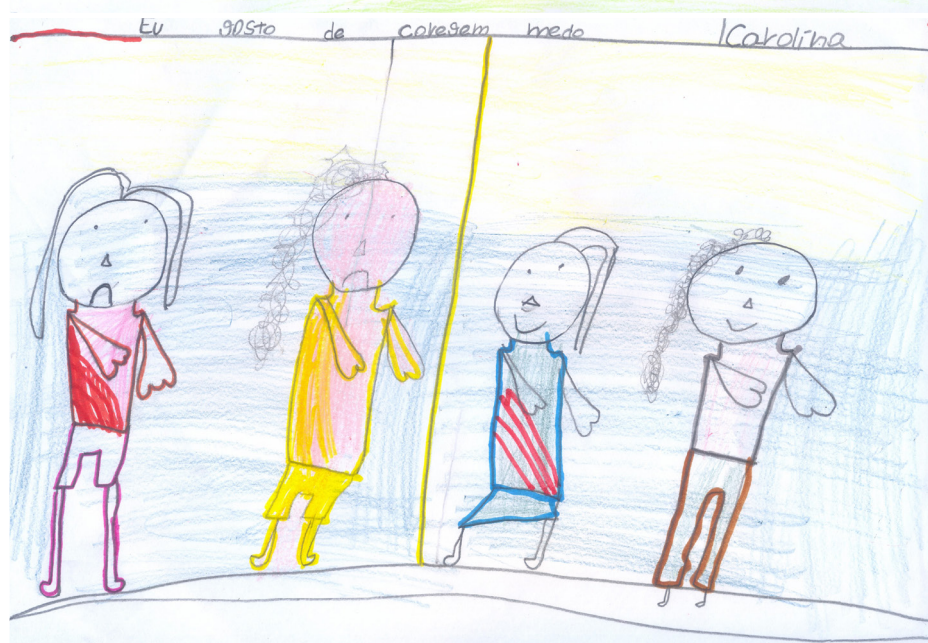
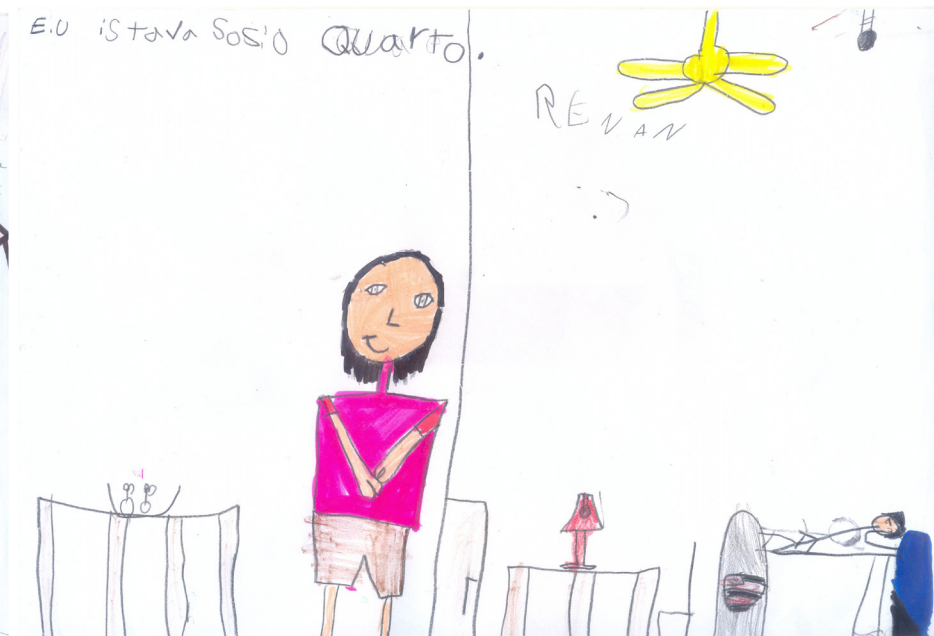
Esse exercício foi um dos mais difíceis feitos em sala de aula. Pois toquei em um assunto muito íntimo dos alunos e não sabia, de certa forma, se eles estavam preparados para isso.

Percebi que os alunos não faziam a menor idéia do que seriam os sentimentos e tive que dar exemplos de situações para que eles pudessem compreender.

Pedi para que cada aluno escrevesse um sentimento em um papel e fiz um sorteio. Dessa forma, cada um deveria retratar o sentimento que sorteou.

Nessa ocasião uma aluna me perguntou qual era o sentimento de quem se sentia sozinho. E isso me fez refletir o resto do dia.

Os sentimentos que destacamos foram: felicidade, amor, coragem, medo, raiva, tristeza, solidão, saudade e alegria.





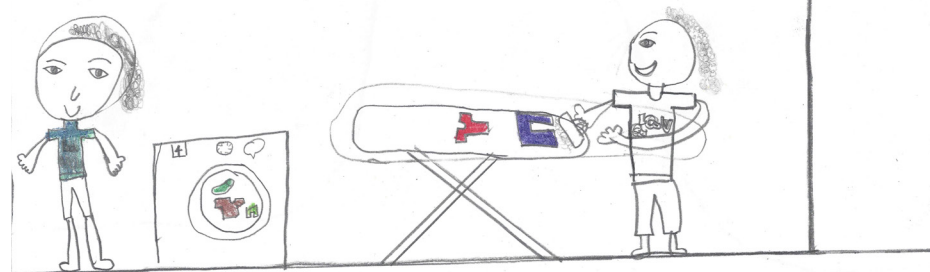
8 - QUAL A PROFISSÃO DOS SEUS PAIS

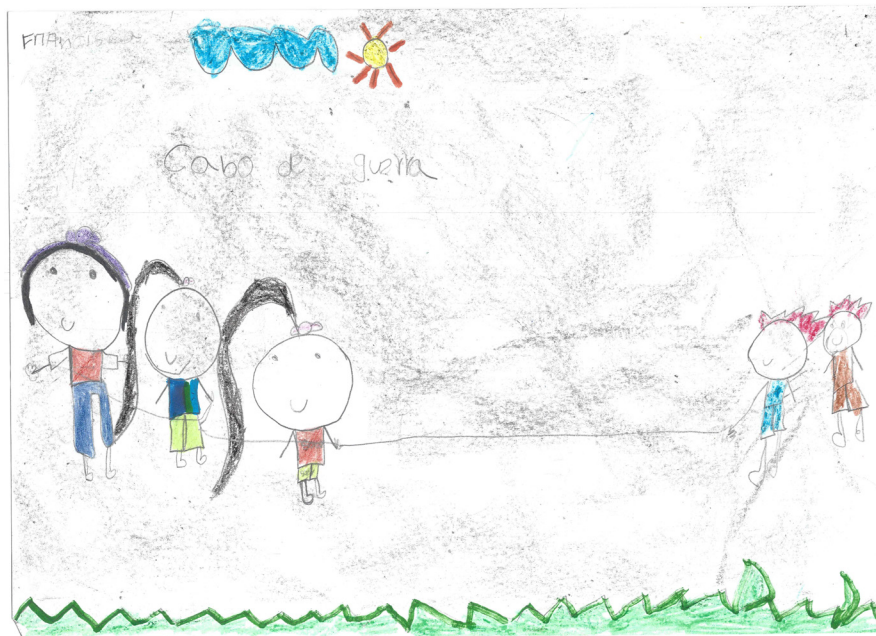
Não estava contando que esse exercício iria funcionar. Pois fiquei com muito medo de fazer perguntas mais íntimas como essa para meus alunos.

Mas essa atividade me surpreendeu bastante, pois todos os alunos sabiam e desenharam minuciosamente a profissão dos seus respectivos pais. O material utilizado nessa atividade foi lápis de cor e canetinhas.



Lava ME Tror.





11 - O QUE É AMIZADE?

Essa atividade foi proposta através de uma pergunta de uma aluna: “professora, o que é amizade?”. Promovi então um diálogo com a turma e listamos coisas que podemos fazer com nosso amigo e que coisas envolvem a amizade.

Chegamos a definição, segundo os alunos, de que: *“Amigo é quem gosta de nós, quem nos ajuda, quem nos ensina a fazer o dever, com quem a gente brinca, de corda ou amarelinha. Devemos ter carinho e respeito pelo nosso amigo.”*



Pedi então que cada um desenhasse o que conversamos e apesar de tudo o que falamos a maioria dos alunos representou a amizade através de brincadeiras com os amigos.

GABRIELA Z ALVES DUARTE Informática Solar

in Alma



Brenda Souza [Data: 21/10/14]

Eu gosto da Júlia porque ela é muito legal faz tudo com mim



EDUARDO ALVES ROCHA LOLD/21 11/0 12/07 CRISE HERM...



O amor é carinho, verdade, A família
tem que amar os professores e todos O amor
é verdadeiro O amor é tudo na vida beijos



amor significa que família pode amar
tia pode amar professoras pode amar
mais amor é quando oal guma pessoa
gosta da gente e a gente gosta

12 - O QUE É O AMOR

Essa atividade foi elaborada para conhecer melhor os alunos e saber o que eles entendiam sobre o amor. Depois de ter feito a última atividade, o objetivo foi saber se eles pensaram sobre o que seriam os sentimentos. E como esse foi um dos mais discutidos, o escolhi para retratar.

Ao contrário de todas as outras atividades, essa eu pedi para que apenas escrevessem uma frase com tal significado. Foi bem difícil por causa da dificuldade na escrita e por causa da dificuldade do diálogo com eles do que significaria tal sentimento. Muitos diziam que amavam algo ou alguém e não o que entendiam sobre o amor.

Consegui tirar alguns bons resultados com a atividade mas não da forma como acharia que iria acontecer.

O Amor é carioso e O Amor
é uma coisa muito importante
e O Amor é uma coisa muito muito
muito importante

Amor significa a Paixão Vermelha

Amor é a Jurema minha mãe





13 - E SE EU FOSSE UM PERSONAGEM?

Meu objetivo com essa aula, foi fazer com que o aluno se enxergue no lugar do outro. Que pudesse inventar um personagem com a sua imaginação ou imaginar como se fosse um personagem que já conhecesse.

A aula foi muito divertida porque todos ficaram muito entusiasmados em desenhar com perfeição seus admirado personagens.

Notei um empenho maior nesta atividade, talvez por mexer exatamente com algo que represente diversão para eles.







8 - E SE EU TIVESSE UM DESEJO PARA A ESTRELA CADENTE?

Fiz esse exercício com a intenção de estimular a imaginação da turma e aumentar a participação deles em sala de aula. Desenhei uma estrela cadente no quadro e pedi que cada um escrevesse seu pedido.

Depois, a turma discutiu sobre o desejo de cada colega. A aula foi bem dinâmica e divertida, pois todos participaram. Três alunos não quiseram fazer a atividade no começo e saíram de sala, mas depois que viram todos se divertindo, voltaram para participar.



A seguir cada um desenhou seu respectivo desejo em uma folha A4. Percebi que poucas crianças desejaram algo abstrato. A maioria não se prendeu à questão emocional e desenhou coisas que acharam mais legais em ganhar.



8 - E SE EU PINTAR O FUTURO?

Para esta atividade queria que eles fizessem algo diferente, por isso, propus que todos pintassem seu futuro com tinta guache. Já tínhamos utilizado essa técnica anteriormente, aproximadamente em três exercícios aleatórios, porém os alunos ficavam tão dispersos e faziam tanta bagunça que eu tive muita dificuldade em realizar essa técnica de novo.

Fui os educando aos poucos para que conseguissem se divertir utilizando as tintas. Nesse exercício, consegui que todos se divertissem e gostassem do que estava sendo realizado.

Achei interessante que a maioria não fazia idéia do significado de passado, presente e futuro. Então tentei explicar na linguagem deles o que era. Depois pedi que desenhassem o que eles esperavam para o futuro, mas deixei bem livre a atividade por ser um assunto bem abstrato.

Percebi que a maioria desenhou casas grandes e coloridas como sua perspectiva de futuro.



O PROJETO

DEFINIÇÃO

O livro *Espiando pelo umbigo - encontros criativos de grandes descobertas*, apresenta cinco seções: cada uma com três das quinze atividades criativas (já descritas neste relatório) realizadas pelas crianças, evidenciando suas expressões de visão de mundo, da sua comunidade, família, e de si mesmo.

O texto do livro é escrito em primeira pessoa, onde eu relato o cotidiano vivido com as crianças e a descrição de cada aula dada por mim. O projeto dá visibilidade às crianças da turma, proporcionando ao adulto uma imersão no universo delas.

O nome *Espiando pelo umbigo* reflete a questão do “olhar para dentro de si”, significa a autodescoberta. Sendo esta a essência de todas as atividades propostas por mim e realizadas pelas crianças. E o livro se propõe exatamente a isso: expor as descobertas das próprias crianças, a partir de suas próprias visões.

O material gráfico se destina a adultos de áreas distintas, porém principalmente a pais de alunos, educadores e designers. O livro é um incentivador, uma referência e uma fonte de inspiração, para adultos possam entender e conhecer melhor seus filhos, através de experiências artísticas, promovendo alegria e amor a partir de alguma ação transformadora, como esta.

PAPEL E FORMATO

Para o miolo do livro, foi escolhido o papel color plus marfim. O papel possui um apelo estético bem atual e valoriza as texturas do traçado das artes das crianças. Além desse fator, ele é mais interessante para o manuseio, pois outras crianças também podem se interessar pelo livro. Sendo assim, se fosse um papel muito branco, o mesmo poderia ser manchado mais facilmente.

Para a capa foi escolhido o papel couché branco, com acabamento em laminação fosca, por ter um apelo estético mais agradável, ser mais resistente e discreto. Além disso, é mais resistente a dobras, mantendo assim a qualidade do material gráfico.

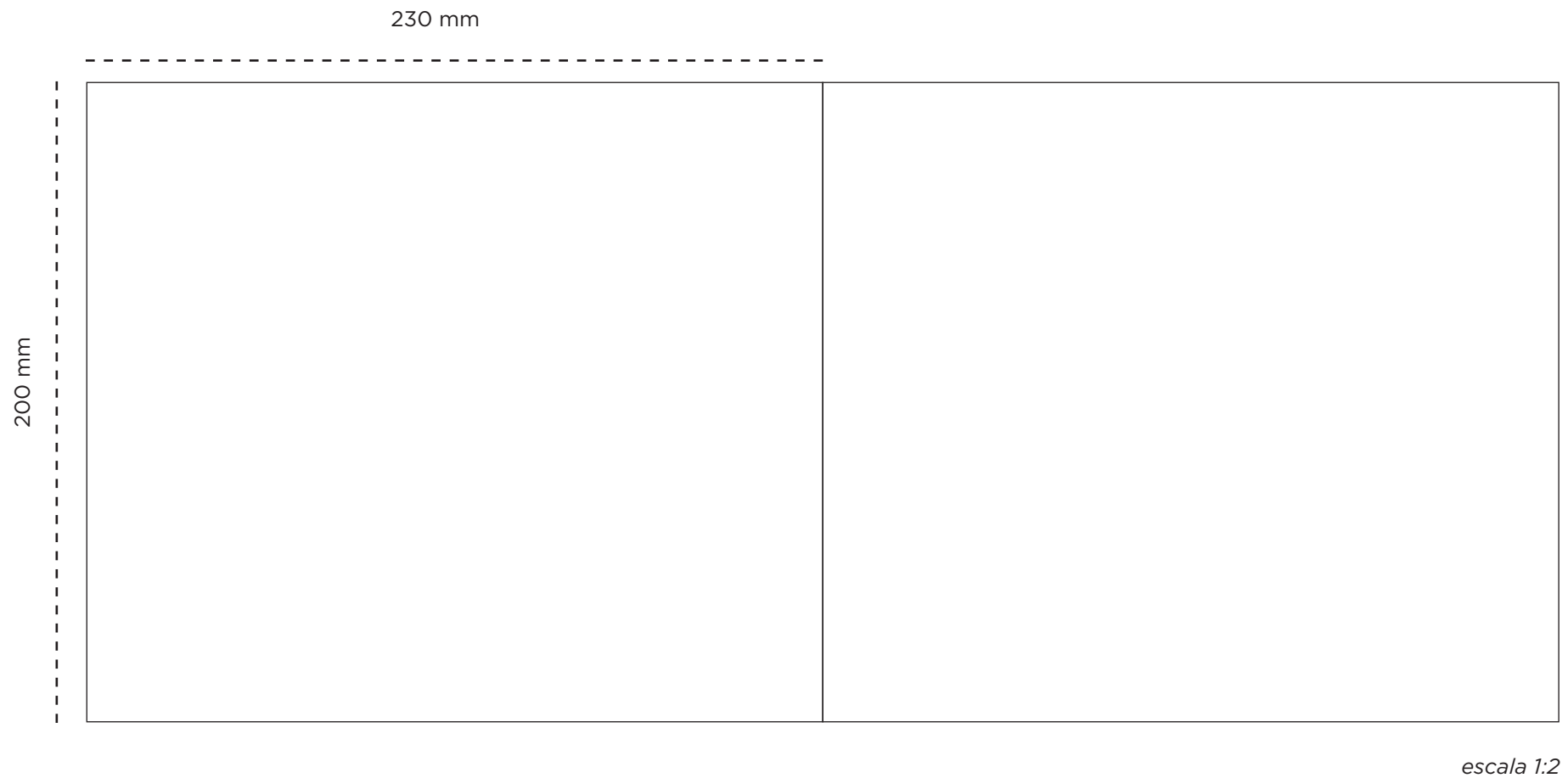
O miolo foi impresso em papel color plus marfim 120g, para evitar uma transparência, na impressão frente e verso. Além de garantir maior resistência.

A capa foi impressa em papel couchê branco 300g, a fim de garantir uma maior rigidez.

O miolo, em formato fechado é 230 mm x 200 mm. Em formato aberto o livro tem 460 mm x 200 mm.

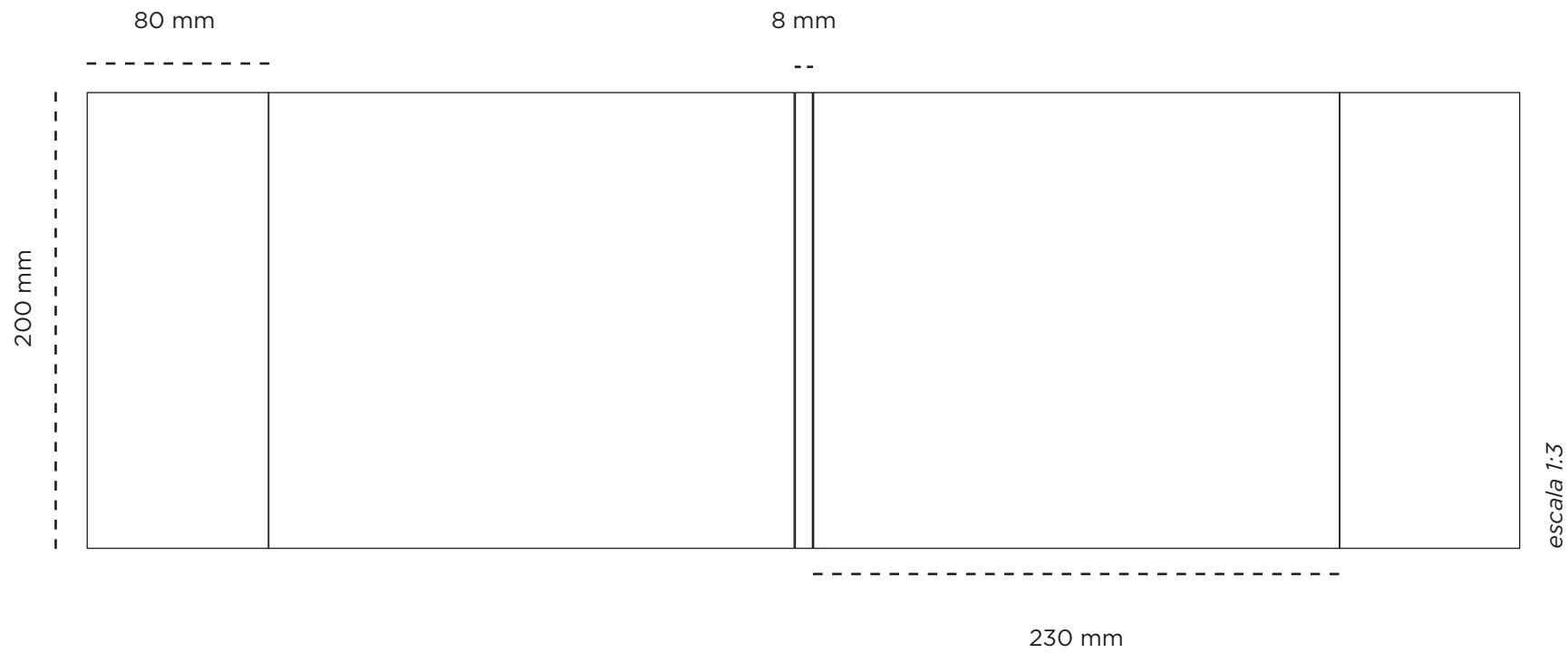
A capa possui o mesmo formato do miolo em sua primeira capa e quarta capa. Com duas orelhas com 80 mm de largura e lombada com 8mm de largura.

> SPREAD MIOLO





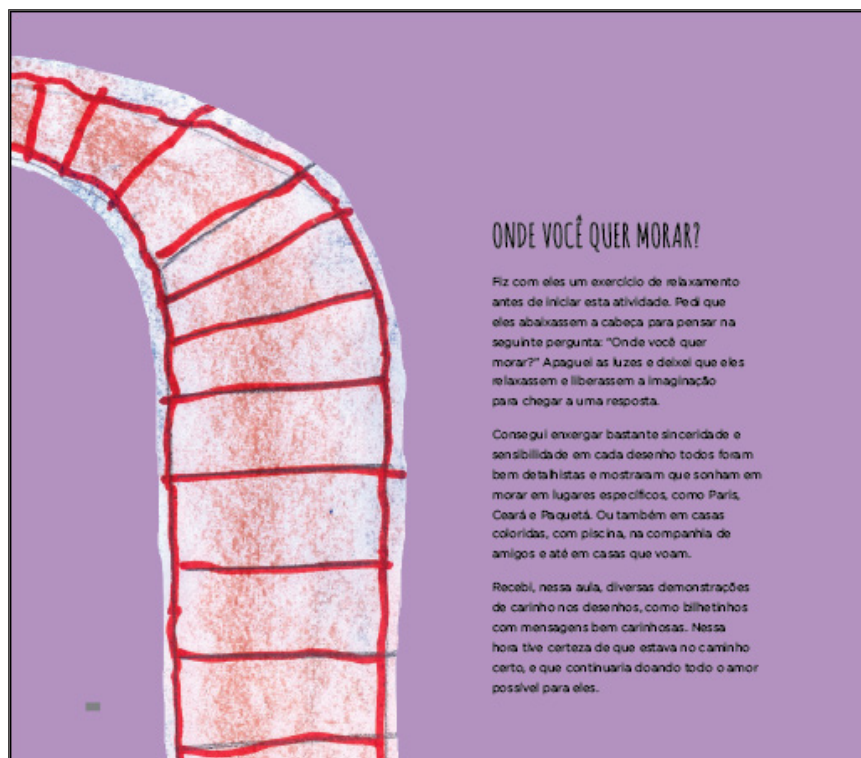
> CAPA ABERTA



PARTIDO GRÁFICO

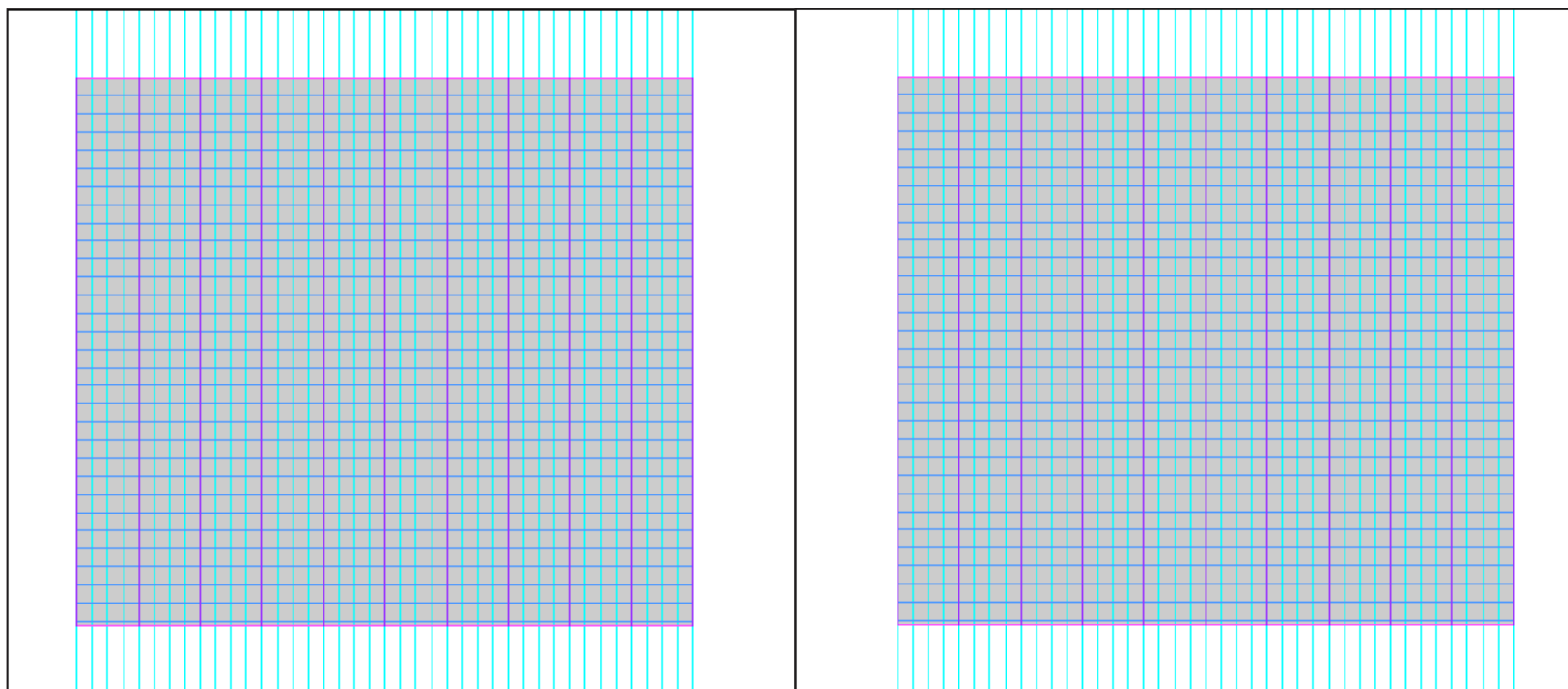
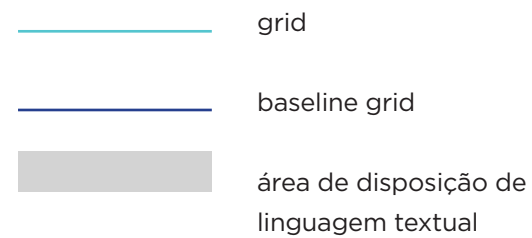
O partido gráfico utilizado no livro é informal e divertido, e faz com o leitor / adulto se aproxime mais e, de certa forma, esteja inserido no universo das crianças. Mesmo o conteúdo abordado sendo abstrato e sensível.

As atividades dos alunos, foram scaneadas e tratadas, bem como recortadas de forma orgânica, para caracterizar essa linguagem informal do livro.



GRID

Para o miolo foi escolhida uma grid modular retangular, para isso utilizei a baseline grid como base. Portanto cada módulo da malha possui: 4 mm x 4,5 mm. A grid ajudou na disposição dos textos, bem como das imagens.



TIPOGRAFIA

Três famílias tipográficas foram utilizadas no projeto gráfico, todas sem serifa. Juntas apresentam contraste e harmonia. Proporciona uma linguagem que se aproxima do infantil, porém não boba.

A tipografia fundamental do projeto, foi a Gotham, de Tobias Frere-Jones, ano 2000, assegurando uma mancha de texto sóbria e leve.

GOTHAM BOOK

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

0123456789

,,:?!

GOTHAM BOOK ITALIC

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

0123456789

,,:?!

GOTHAM BOLD

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

0123456789

,,:?!

A fonte Amatic SC, de Vernon Adams, 2012, consiste em uma fonte fantasia. Por ter uma característica de como se fosse escrita à mão e por fazer alusão à desenhos, foi escolhida para apontar o que significava título no livro. Além disso a tipografia proporcionar uma linguagem infantil e informal, de acordo com o partido gráfico proposto.

AMATIC SC REGULAR

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

0123456789

,,:?!

AMATIC SC BOLD

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

0123456789

,,:@!

Outra tipografia utilizada no livro foi a Gloria hallelujah, desenvolvida por Kimberly Geswein, a fonte foi utilizada nos textos que acompanhavam comentários meus para os desenhos das crianças.

É uma tipografia divertida e que mais se aproxima da linguagem caligráfica que estava buscando para compor o conjunto tipográfico.

GLORIA HALLELUJAH

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

0123456789

!,:;?!

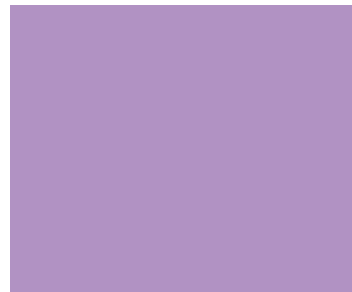
CORES

A paleta de cores utilizada foi bem variada e de alta saturação, isso para configurar um aspecto infantil e alegre ao layout, além de despertar a curiosidade do leitor.

> ESCALA EUROPA



C25 M0 Y80 K0



C30 M45 Y0 K0



C0 M15 Y90 K0



C60 M0 Y20 K0



C0 M45 Y100 K0

CORES

Para estruturar o miolo do livro, e organizar as atividades, para um maior entendimento do leitor. As cores foram utilizadas para caracterizar as cinco diferentes seções do livro:



Investigando o “eu”



**Um lar ou um teto
para morar?**



O “eu” e a família



Salada de sentimentos



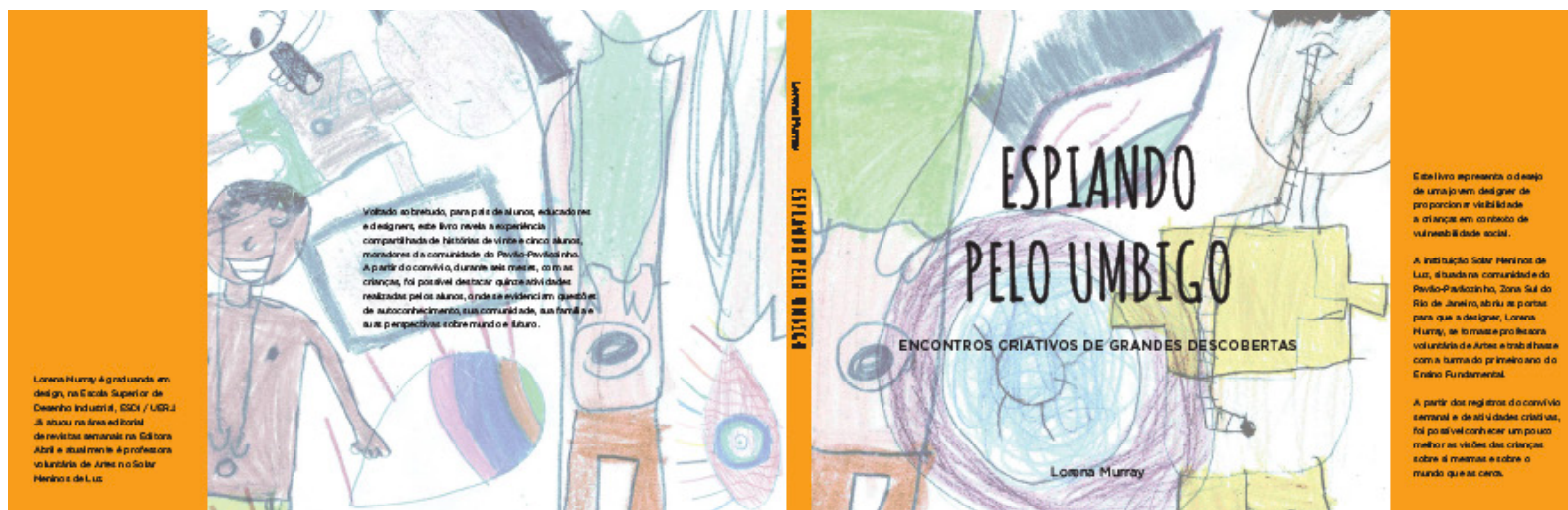
E se...

ELEMENTOS DE DESTAQUE

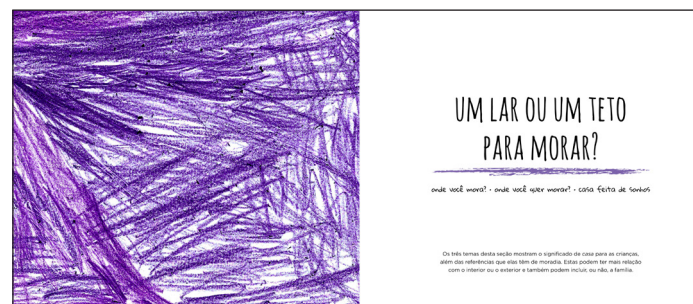
> CAPA

A capa foi composta por um conjunto, feito por mim, com os desenhos dos próprios alunos, em uma atividade em que foi pedido para que eles desenhassem olhos, umbigos e os meios em que podemos observar os próprios umbigos.

Além disso, a presença do título se faz importante, bem como a utilização do subtítulo. A capa ainda conta com duas orelhas, onde foi possível mostrar um pouco mais sobre o projeto e as informações da autora do livro.

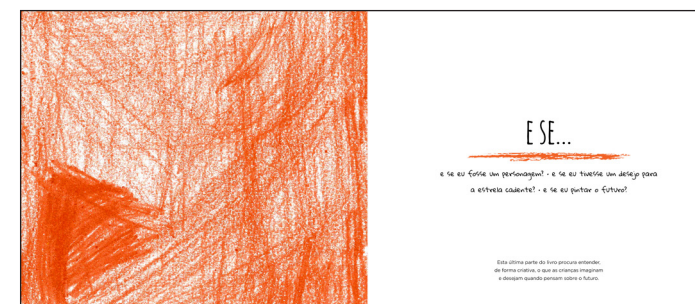
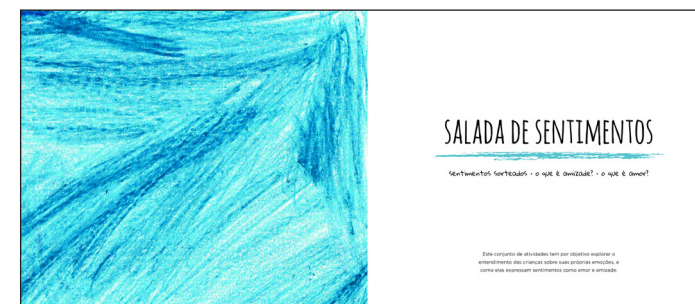


escala 1:3



> ABERTURAS DE CAPÍTULOS

As aberturas de capítulo foram desenvolvidas para dar um respiro no projeto gráfico, o qual possui muitos desenhos. Se apresentam em página dupla e são compostas por texturas produzidas através do traço de lápis de cor ou giz de cera dos próprios alunos. As aberturas exploram o conjunto de tipografias utilizado no partido gráfico.



COMPOSIÇÃO GRÁFICA

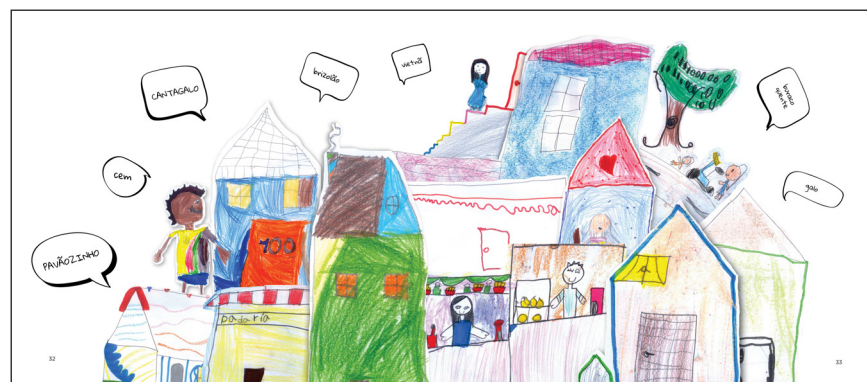
Para entender um pouco mais sobre o material produzido, foi feito um esquema para as seções que apresentavam as atividades, como pode-se ver abaixo:

Cada atividade começa na página par, com um recorte de um desenho interessante que ilustra tal exercício. Seguido de um texto, o qual conta sobre a minha experiência naquela aula.

Já na página ímpar um desenho de destaque é exposto seguido de um comentário feito por mim.



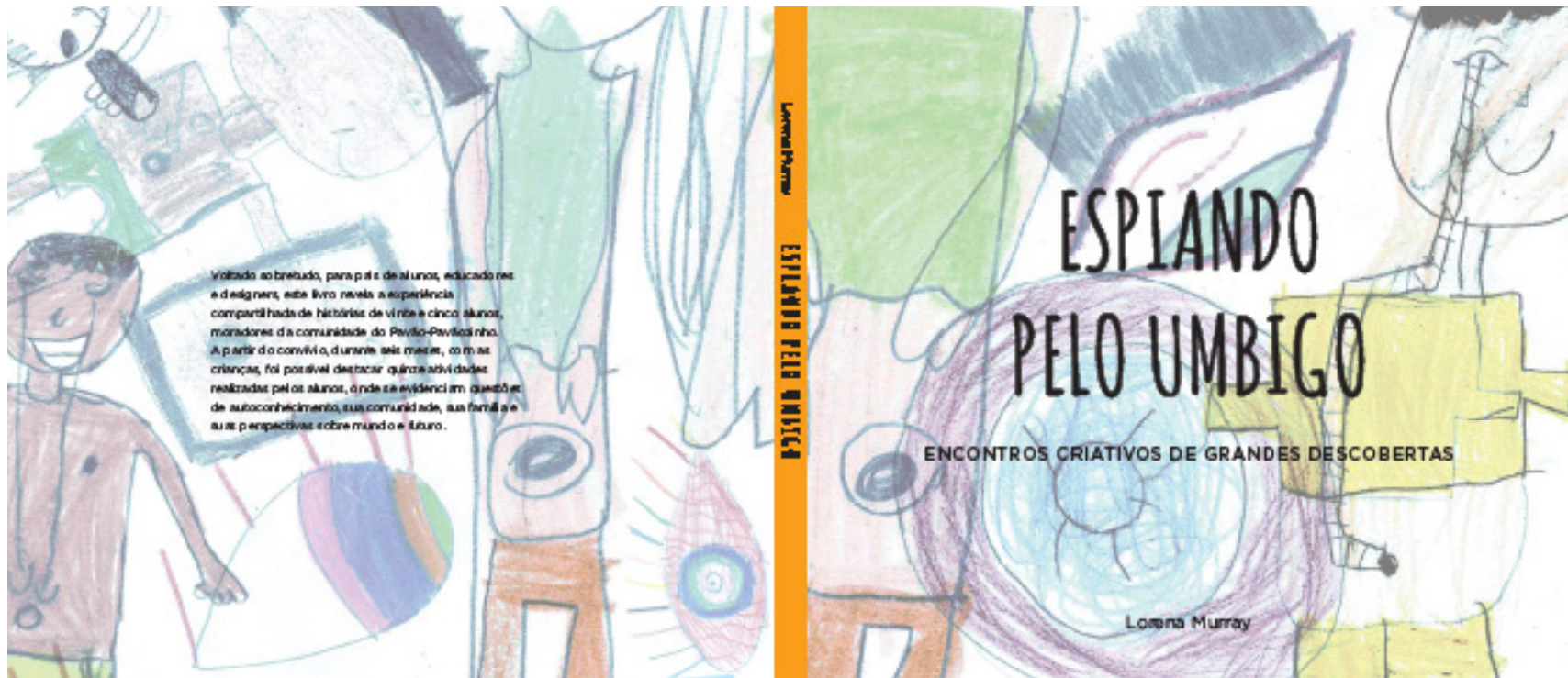
O spread seguinte é um arranjo do conjunto de todos ou quase todos os desenhos das crianças da turma.



escala 1:5

LIVRO

ESPIANDO PELO UMBIGO - ENCONTROS CRIATIVOS DE GRANDES DESCOBERTAS



capa sem orelhas, escala 1:2

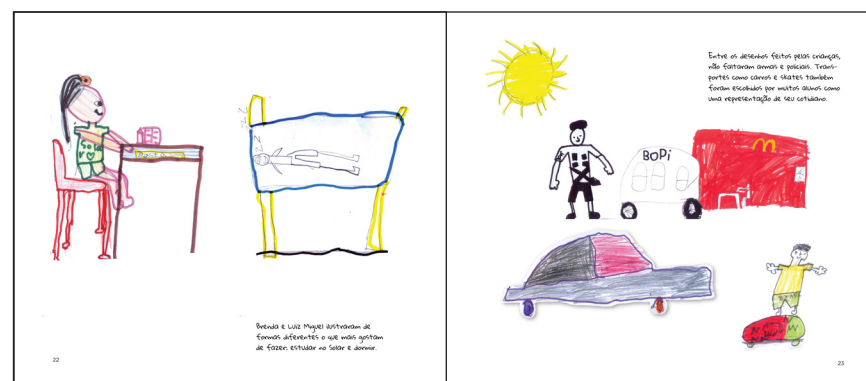
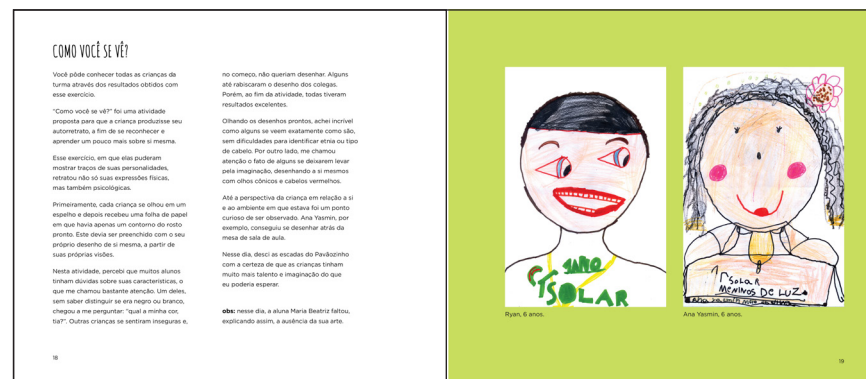
Lonera Humay é graduanda em design, na Escola Superior de Desenho Industrial, ESDI / UFRJ. Já atuou na área editorial de revistas semanais na Editora Abril e atualmente é professora voluntária de Artes na Soter Herinot de Luz.

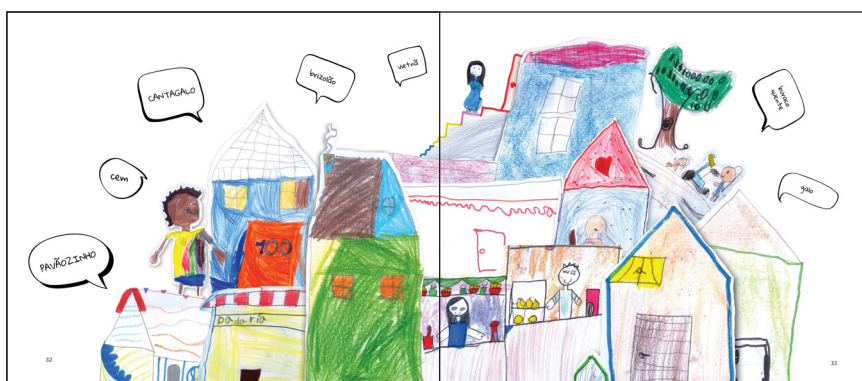
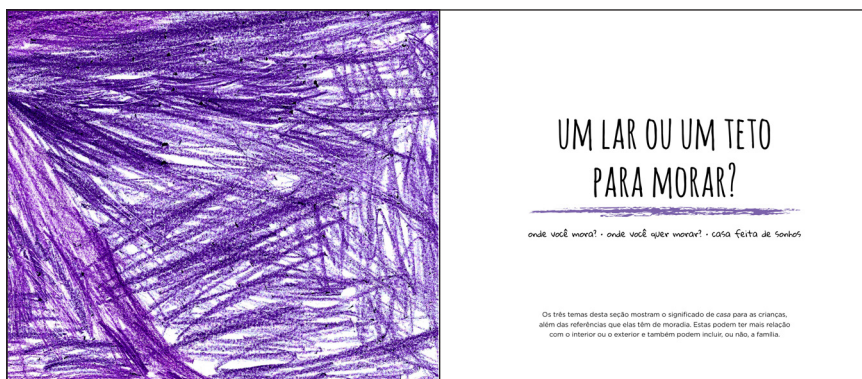
Este livro apresenta o desejo de uma jovem designer de proporcionar visibilidade a crianças em contexto de vulnerabilidade social.

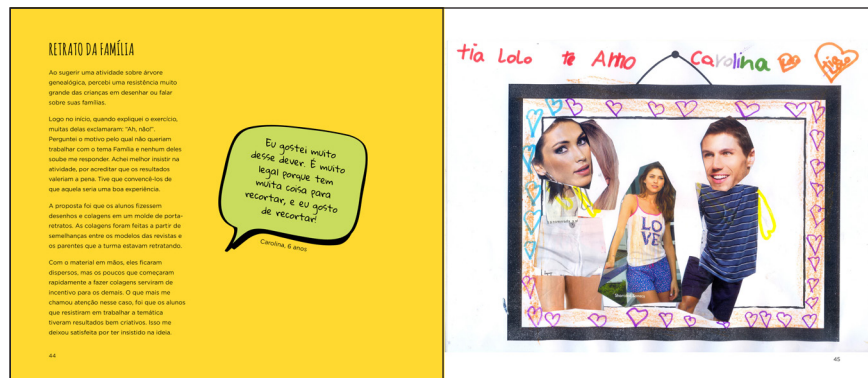
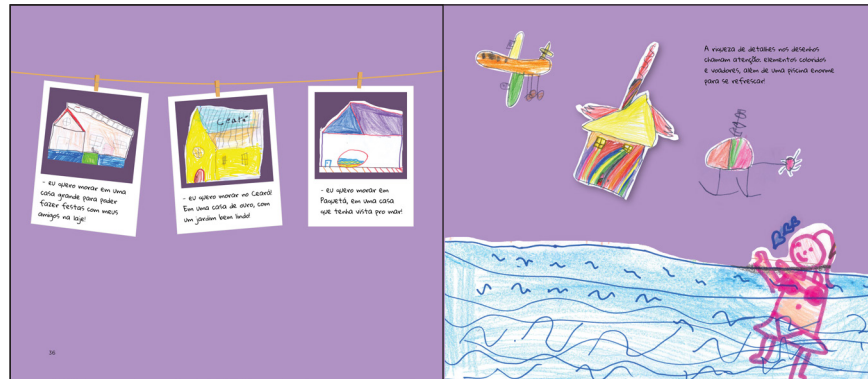
A instituição Soter Herinot de Luz, situada na comunidade do Pavão-Pavãozinho, Zona Sul do Rio de Janeiro, abriu as portas para que a designer, Lonera Humay, se tornasse professora voluntária de Artes e trabalhasse com a turma do primeiro ano do Ensino Fundamental.

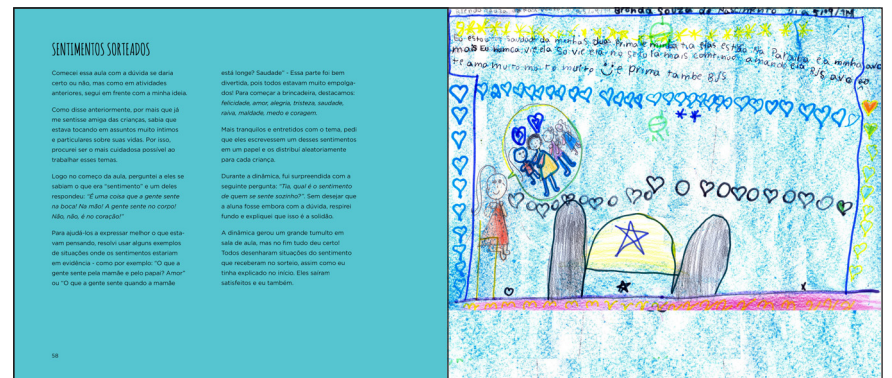
A partir dos registros do convívio semanal e de atividades criativas, foi possível conhecer um pouco melhor as visões das crianças sobre si mesmas e sobre o mundo que as cerca.

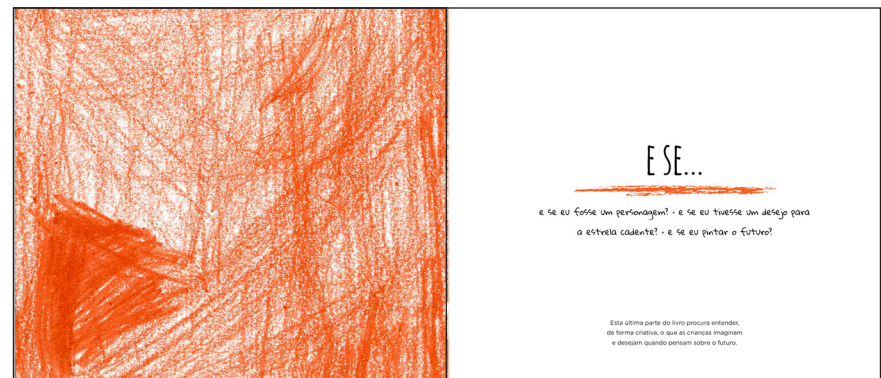
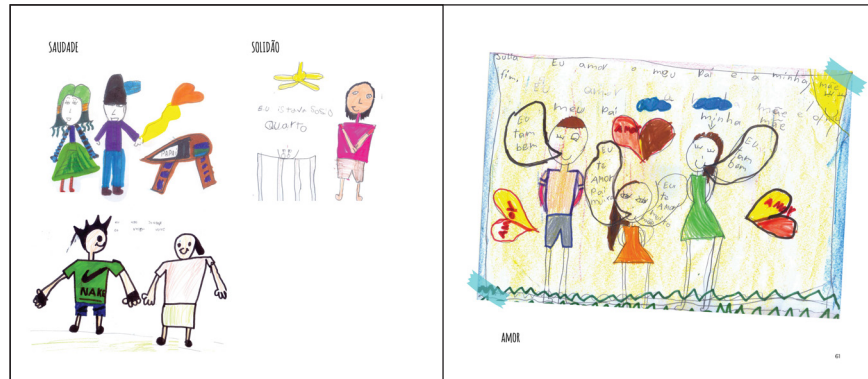
orelhas, escala 1:2

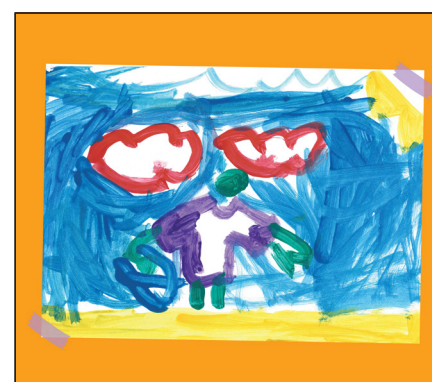
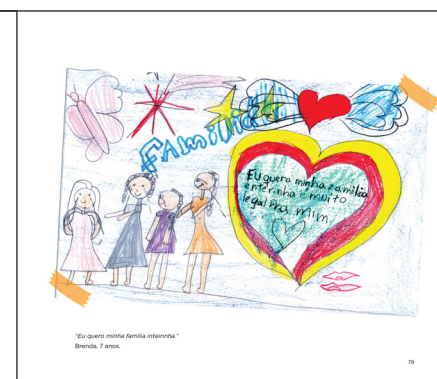
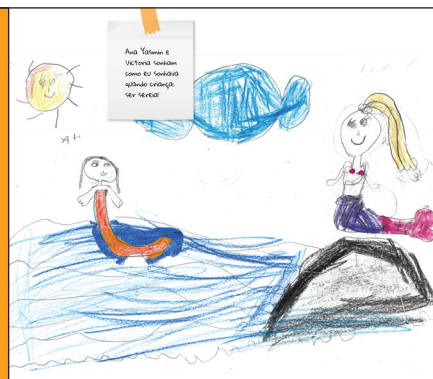












CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção do projeto, inicialmente, foi não só a de explorar as vidas das crianças sobre suas vidas e o futuro que elas esperam, mas também de criar laços, levar-lhes amor e atenção, tentando, de alguma forma, transformar suas vidas. Entretanto, foram elas que provocaram uma enorme transformação em mim.

Passei a me importar mais com as coisas simples e que eu mesma não dava tanta importância. Aprendi a ouvir e a ter paciência para lidar com as crianças, que apesar da pouca idade, me ensinaram grandes lições de vida, como enxergar o mundo por outro ângulo e não pensar atuando apenas para o meu próprio umbigo. Os pequenos me ensinaram a prestar atenção na vida que nos cerca e a ver as coisas de uma forma mais leve e divertida. E, ao invés de só eu proporcionar amor, ganhar em troca muito carinho também.

84

OS ARTISTAS



85



Foto da minha primeira aula no Salão Menor de Lili. Todos se esforçavam para atender e que gostavam de fazer.



Em todas as atividades, todos se preocupam com o colega em que estavam.

86



Maria se esforça ao atender e sempre ao Salão em sua aula.



Ana Vitória tem para o futuro em um dia de aula.

87



Crônica de conclusão de aula sobre "Onde você quer?"



Pela e João vão fazer o seu futuro e criar um novo futuro para todos.

88



89



Além com todos os materiais, todos se preocupam com o colega em que estavam.



A turma completa os projetos, muitos deles foram para a atividade "Futuro da vida".

90



Não são de todos os materiais de cada atividade, todos precisam muita atenção.



Tudo é feito com muita atenção e carinho.

91



A turma está com a atividade de leitura que eu estava fazendo.



Maria Beatriz mostra sua invenção de retratar o amor.

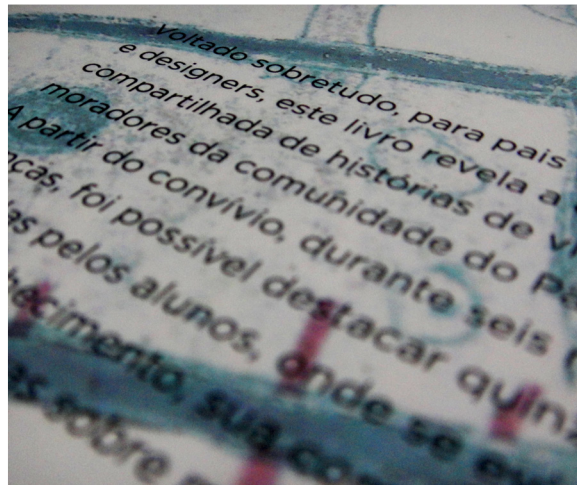
92

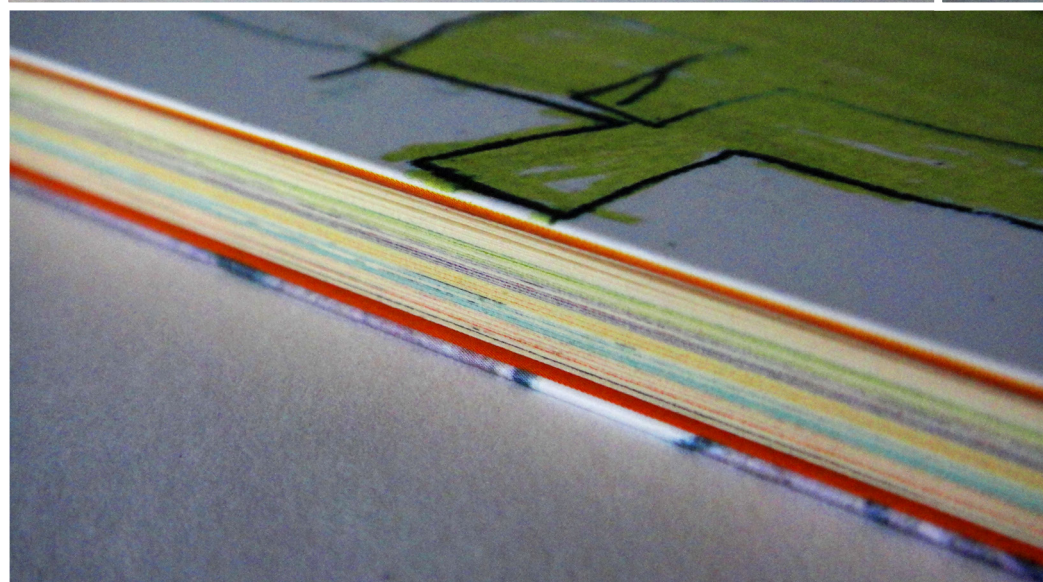
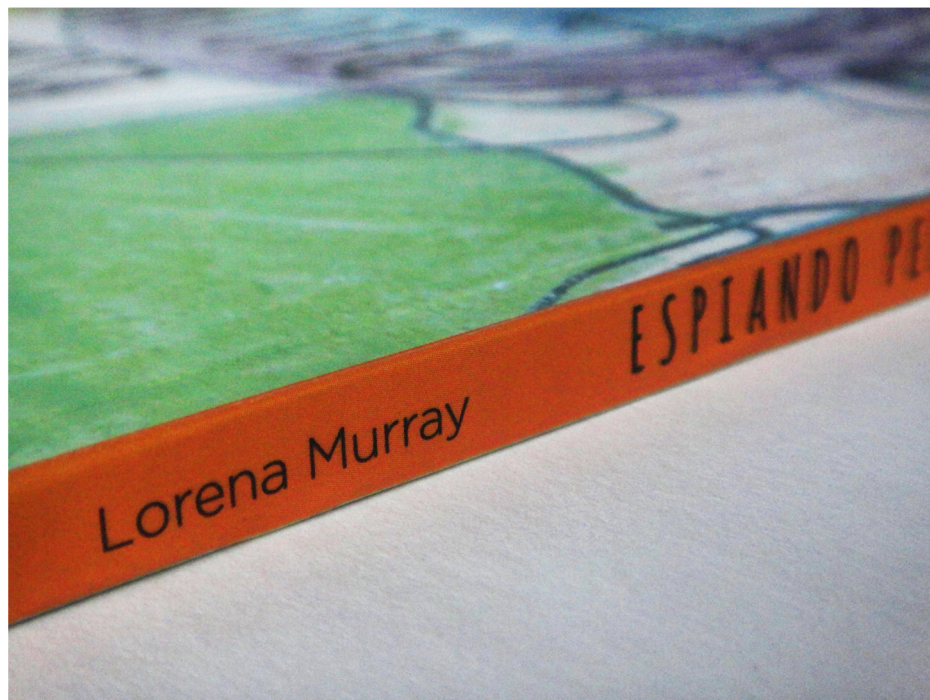


93



DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA





Lorena Murray é graduanda em design, na Escola Superior de Desenho Industrial, ESDI / UERJ. Já atuou na área editorial de revistas semanais na Editora Abril e atualmente é professora voluntária de Artes no Solar Meninos de Luz.



...a perspectiva da criança em relação a si
caroamente em que estava foi um ponto
importante de ser observado. Ana Yasmin, por
exemplo, conseguiu se desenhar atrás da
mesa de sala de aula.

...desenhos e colagens em um molde de porta-
retratos. As colagens foram feitas a partir de
semelhanças entre os modelos das revistas e
os parentes que a turma estavam retratando.

A proposta foi que os alunos fizessem
desenhos e colagens em um molde de porta-
retratos. As colagens foram feitas a partir de
semelhanças entre os modelos das revistas e
os parentes que a turma estavam retratando.

Com o material em mãos, eles ficaram
dispersos, mas os poucos que começaram
rapidamente a fazer colagens serviram de
incentivo para os demais. O que mais me
chamou atenção nesse caso, foi que os alunos
que resistiram em trabalhar a temática
tiveram resultados bem criativos. Isso me
deixou satisfeita por ter insistido na ideia.

UM LAR OU UM
PARA MORAR?

onde você mora? • onde você quer morar?

RETRATO DA FAMÍLIA

Ao sugerir uma atividade sobre árvore
genealógica, percebi uma resistência muito
grande das crianças em desenhar ou falar
sobre suas famílias.

Logo no início, quando expliquei o exercício,
muitas delas exclamaram: "Ah, não!".
Perguntei o motivo pelo qual não queriam
trabalhar com o tema família e nenhum delas
soube me responder. Achei melhor insistir na
atividade, por acreditar que os resultados
valeriam a pena. Tive que convencê-las de
que aquela seria uma boa experiência.

A proposta foi que os alunos fizessem
desenhos e colagens em um molde de porta-
retratos. As colagens foram feitas a partir de
semelhanças entre os modelos das revistas e
os parentes que a turma estavam retratando.

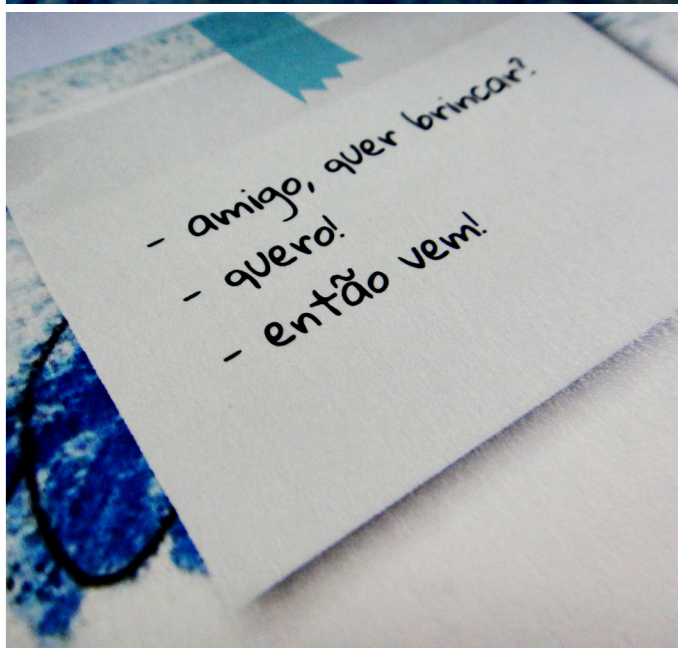
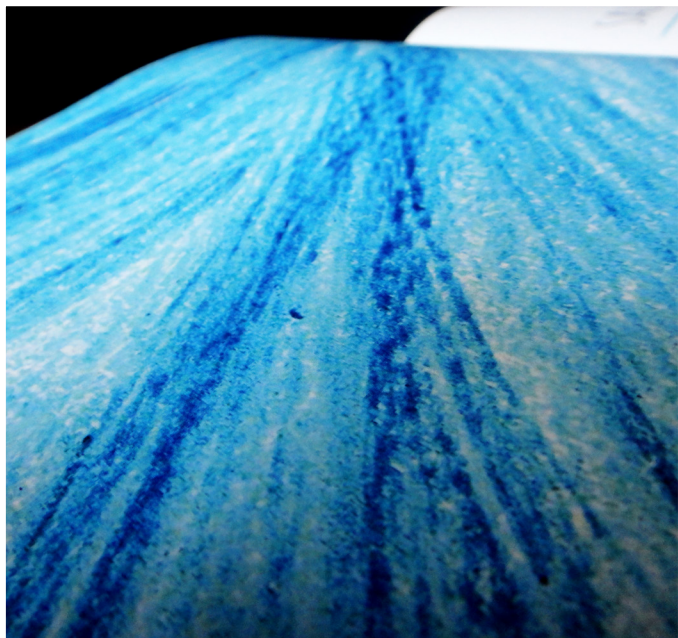
Com o material em mãos, eles ficaram
dispersos, mas os poucos que começaram
rapidamente a fazer colagens serviram de
incentivo para os demais. O que mais me
chamou atenção nesse caso, foi que os alunos
que resistiram em trabalhar a temática
tiveram resultados bem criativos. Isso me
deixou satisfeita por ter insistido na ideia.

Eu gostei muito
desse dever. É muito
legal porque tem
muita coisa para
recortar, e eu gosto
de recortar!

Carolina, 6 anos

tia Lolo







CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção do projeto, inicialmente, foi não só a de explorar as visões das crianças sobre suas vidas e o futuro que elas esperam, mas também de criar laços, levar-lhes amor e atenção, tentando, de alguma forma, transformar suas vidas. Entretanto, foram elas que provocaram uma enorme transformação em mim.

Passei a me importar mais com as coisas simples a que eu mesma não dava tanta importância. Aprendi a ouvir e a ter paciência para lidar com as crianças, que apesar da pouca idade, me ensinaram grandes lições de vida, como enxergar o mundo por outro ângulo e não pensar olhando apenas para o meu próprio umbigo. Os pequenos me ensinaram a prestar atenção na vida que nos cerca e a ver as coisas de uma forma mais leve e divertida.

E, ao invés de só eu proporcionar amor, ganhei em troca muito carinho também. Criamos uma relação linda, que vai ficar marcada. Outras professoras da turma me disseram que todas as crianças evoluíram muito bem com as atividades que eu propus em sala, e que elas só falavam sobre suas vidas nas minhas aulas. Isso me deixou ainda mais realizada, por saber que tinha atingido o meu objetivo.

Tenho certeza que termino esse projeto com o sentimento de “missão cumprida”. Não só pelos resultados excelentes das atividades desenvolvidas, como também pela amizade, diversão, troca de carinho, amor, e pelo autoconhecimento que pude ter ao longo desses meses.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS E TEXTOS

ALBERS, Josef. **A interação da cor**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

ARANTES, Valéria Amorim. **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003. p. 53-70.

ARRUDA, Isabel Campos de. **O cotidiano de um abirgo para crianças e adolescentes: uma simplicidade complexa**. Dissertação de Mestrado em Serviço Social, PUC-SP.

AUGÉ, Marc. **Não lugares - introdução a uma antropologia da supermodernidade**. São Paulo: Papirus, 2012.

BURNS, Collin; COTTAM, Hillary; VANSTONE, Chris; WINHALL, Jennie. **Transformation Design**. London: 2006.

FRASCARA, Jorge. **Design and the Social Sciences: Making Connections**. New York: Taylor & Francis, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança - um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: 1997.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p.77, 88. Disponível em: <http://filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/Edicoes/33/artigo130300-1.asp>. Acesso em junho de 2014.

KOHAN, Walter; OLARIETA, Beatriz. **A escola publica aposta no pensamento**. São Paulo: Grupo Autêntica, 2012.

MONTE-SERRAT, Fernando. **Emoção, afeto e amor**. São Paulo: Academia de Inteligência, 2007.

NEVES, Márcia de Lima Carneiro. **Afetividade e expressão artística na escola: como os arte-educadores encaram o papel da arte**. Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Educação da PUC-RS.

OLIVEIRA, Alberto Santos Junqueira de. **Essa vez que não chega: fila e drama social no Brasil**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio.

OSTROWER, Fayga. **Universos da Arte**. Ed. Campus: 1986

SITES

<http://www.gaasp.org.br/>

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm

http://promenino.org.br/portals/0/cidade/cidade_final/in/zi_ratendimentoprotetivo_abrigo.html

Tese, capítulo 4: “**Novos paradigmas do design: quem e o que se produz**”. Programa de Pós-Graduação em Design. Disponível em: http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1011895_2012_cap_4.pdf. Acesso em novembro de 2014.

<http://www.meninosdeluz.org.br/>

<http://ne10.uol.com.br/coluna/atitude-adotiva/noticia/2012/05/22/a-orfandade-silenciosa-344127.php>

FILMES

Precious. Lee Daniels, EUA, 2010.

Flores Raras, Bruno Barreto, Brasil, 2012.

Philomena, Stephen Frears, França, 2014.

ANEXOS DVD